



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS  
CURSO DE BACHARELADO EM TRADUÇÃO

**SUÉLLEN SULAMITA GENTIL DE OLIVEIRA**

**PERCEPÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE  
TRADUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA  
PELO USO DA NARRATIVA**

João Pessoa – PB

2020

SUÉLLEN SULAMITA GENTIL DE OLIVEIRA

**PERCEPÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE  
TRADUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA  
PELO USO DA NARRATIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba, no período 2020.1, como requisito à obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves

João Pessoa – PB

2020

**Catálogo na publicação Seção de  
Catálogo e Classificação**

O48p Oliveira, Suellen Sulamita Gentil de.

Percepções sobre a experiência universitária no Curso de Tradução e o desenvolvimento da competência tradutória pelo uso da narrativa / Suellen Sulamita Gentil de Oliveira. - João Pessoa, 2020.

75 f. : il.

Orientador: Daniel Antonio de Sousa Alves. Monografia  
(graduação) - Universidade Federal da

Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2020.

UFP

CD



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

ATA Nº 2043170 / 2020 - CCHLA - DMI (11.00.53.01)

Nº do Protocolo: 23074.102793/2020-23

João Pessoa-PB, 02 de Dezembro de 2020

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ata da sessão de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel em Tradução da discente Suellen Sulamita Gentil de Oliveira, cujo trabalho foi intitulado 'PERCEPÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE TRADUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA PELO USO DA NARRATIVA'. A defesa aconteceu no dia 02 de dezembro de 2020, às 14h30, em formato remoto (por meio do endereço eletrônico <https://meet.google.com/mkr-jddh-syl>) devido ao contexto de afastamento social. Após apresentação da discente, a banca — composta pelas professoras Tania Liparini Campos e Ana Cristina Bezerril Cardoso (titulares) e pela professora Luciane Leipnitz (suplente) — arguiu a candidata e a considerou aprovada, atribuindo a nota 9 (nove), com a recomendação de que sejam feitas as correções para a publicação do texto final.

Sem mais a tratar, na qualidade de presidente da sessão, lavrei esta ata que segue assinada por mim e pelos demais avaliadores.

João Pessoa, 02 de dezembro de 2020

*(Assinado digitalmente em 04/12/2020 19:13)*  
ANA CRISTINA BEZERRIL CARDOSO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
Matrícula: 3333434

*(Assinado digitalmente em 02/12/2020 16:49)*  
DANIEL ANTONIO DE SOUSA ALVES  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
Matrícula: 1775498

*(Assinado digitalmente em 02/12/2020 17:54)*  
TANIA LIPARINI CAMPOS  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
Matrícula: 1860327

Processo Associado: 23074.098592/2020-57

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: 2043170, ano: 2020, documento(espécie): ATA, data de emissão: 02/12/2020 e o código de verificação: 3b069444d6

À minha amada mãe, Suely, a quem devo tudo  
que sou.

## AGRADECIMENTOS

Fechar ciclos nunca foi meu ponto forte. Concluir etapas sempre me exigiu muito esforço. Não gosto de despedidas. Tenho muitos inícios sem final. Minha jornada é um emaranhado de vários começos, alguns meios, poucos fins. Não é fácil. Mas, essa trama embaçada é quem me leva pelos caminhos que percorro. Por isso, sigo nesta trilha agridoce com orgulho de meu crescimento e aprendendo cada vez mais sobre mim.

Com tal característica, esse TCC teve um início, navegou longo tempo no meio e, com muito esforço, chega ao seu fim. E, igualmente, meu curso de Bacharelado em Tradução. Uma proeza da qual cheguei a duvidar ser capaz. Mas, muitas e muitos não duvidaram. E teria sido impossível sem elas e eles. Por esta proeza, agradeço:

À minha mãe, Suely, meu referencial de mulher e guerreira, e ao meu pai, Gentil, meu referencial de afeto e devoção, por seu amor e apoio incondicionais. Por abraçar todas minhas decisões, mesmo as que não lhe fazem sentido. Pelas ligações diárias, onde quer que eu esteja. Pelo ‘te amo’ de todas as noites. Pela porta que está sempre aberta e pelo abraço que é sempre apertado. Muito obrigada!

À minha companheira, Raissa, pelo seu amor, paciência e incentivo durante esta trilha. Pela cumplicidade. Por estar presente mesmo quando precisei estar ausente. Por aguentar a luz acesa nas noites que passei em claro. Por celebrar comigo quando há alegrias e acolher minhas lágrimas quando há dureza. Pela amizade, pelas críticas, pela mão estendida. Não teria sido o mesmo sem você. Muito obrigada.

Às minhas amigas e confidentes, Clara e Ítala, por todo amor e fé que depositam diariamente em mim. Por serem porto e abrigo. Por não terem desistido de mim. Por estarem aqui quando eu olho para trás, para o lado, e para frente. Vocês são essenciais em minha jornada. Muito obrigada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Daniel Alves, por toda sua contribuição durante esse processo acadêmico. Pelo acolhimento, incentivo e atenção. Pela paciência em todos os prazos que deixei de cumprir. Por se esforçar em me compreender, mesmo quando era frustrante. E, especialmente, por não deixar de acreditar em mim no momento que mais precisei. Foi um processo árduo porque crescer dói. E eu nunca vou esquecer o quanto amadureci com você. Muito obrigada.

Às professoras e professores do curso de Tradução, assim como docentes de outros cursos que passaram pela minha trajetória, por todos os ensinamentos que, igualmente, me fizeram crescer, como estudante e como pessoa. Em especial, agradeço a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tânia Liparini Campos, que me é referência de ser humano e cuja passagem me fez amadurecer como mulher acadêmica e feminista, ao Prof. Dr. José Roberto Andrade Feres, que me é modelo da tradutora e escritora que um dia pretendo ser, e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Cristina Bezerril Cardoso e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciane Leipnitz por aceitarem o convite para fazer parte da banca de defesa desse TCC. Muito obrigada.

À Prof.<sup>a</sup> Ma. Edilza Maria Medeiros Detmering, por me ensinar francês, artes cênicas e a como escrever um trabalho acadêmico sem se desesperar. Este TCC só foi possível graças a sua produção acadêmica, que me foi fundamental e serviu de referência durante todas as etapas. Nos momentos que a autocobrança bloqueava meu progresso, você trazia a leveza que eu precisava para seguir em frente. Muito obrigada.

À minha vó, Sebastiana, às minhas primas-irmãs, Michelle e Elaine e à Mariane (More), que não contribuíram diretamente com este trabalho, mas contribuem diretamente com minha vida. Longe ou perto, vocês são parte de mim e se fazem presentes a cada passo que dou. Sendo assim, vocês também fazem parte dessa conquista. Muito obrigada.

Às e aos integrantes do Projeto Trapo, Thayse, Guilherme, Luis, Carla, Jenete, Priscilla, Thalita, João, Lindenberg, e Eunice, por serem incentivo para que eu retomasse minhas atividades acadêmicas e, conseqüentemente, este trabalho. Pela poesia e pelas amenidades. Vocês trazem esperança em tempos tão caóticos. Muito obrigada.

Às, aos e à les integrantes do Dandara FC LGBTQI+, pelos momentos, dentro e fora da quadra, que me fortaleceram e me fizeram seguir mesmo quando eu quis parar. Da mesma forma, agradeço à Kim e à todas e todos que fazem parte do K17 Dance Studio, por, através da dança, manterem minha saúde mental e física. Muito obrigada.

À Caitlín R. Kiernan (e às tradutoras Ana Resende e Caroline Caires Coelho), autora do livro *A Menina Submersa*, que provavelmente nunca vai ler este agradecimento, mas cujo livro marcou toda essa jornada e foi elemento vital para aliviar os momentos de angústia. Muito obrigada.

Por último, mas não menos importante, à todas, todos e todes que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse encerrar esse ciclo, muito obrigada!

“Nenhuma história tem começo e nenhuma história tem fim. Começos e fins podem ser entendidos como algo que serve a um propósito, a uma intenção momentânea e provisória, mas são, em sua natureza fundamental, arbitrários e existem apenas como uma ideia conveniente na mente humana. As vidas são confusas e, quando começamos a relacioná-las, ou relacionar partes delas, não podemos mais discernir os momentos precisos e objetivos de quando certo evento começou. Todos os começos são arbitrários.”

-

“”Independentemente do que foi ou não foi, acabou”, datilografei, “e você escreveu para mim. Você sempre será assombrada, mas acabou. Obrigada. Pode ir agora.””

(A Menina Submersa – Caitlín R. Kiernam)

## RESUMO

Este trabalho é fruto de uma autorreflexão sobre a narrativa da formação tradutória de uma discente do curso de Bacharelado de Tradução da Universidade Federal da Paraíba e, sob o prisma das percepções pessoais e experiências vivenciadas dentro do ambiente acadêmico, buscou-se pontuar e analisar aquelas que tiveram influência positiva e negativa no desenvolvimento da competência tradutória. Para tal, foi utilizado o método pesquisa-narrativa, que ainda é um método pouco utilizado no campo da investigação dos Estudos da Tradução. Sendo assim, através dos dados obtidos na narração da realidade da formação acadêmica e levando em consideração esses dados como fonte de conhecimento, identificou-se aspectos dentro da graduação que são percebidos como diferenciais no desenvolvimento do aprendizado e da competência tradutória.

**Palavras-Chaves:** Autorreflexão, Pesquisa Narrativa, Competência Tradutória

## **ABSTRACT**

This work is the result of a self-observation on narrative of the academic formation of a student of the Bachelor's Degree in Translation at the Universidade Federal da Paraíba and, from the point of view of personal perceptions and experiences lived within the academic environment, we sought to punctuate and analyze those that had positive and negative influences on the development of the Translation Competence. For this purpose, the narrative inquiry method was used, which is still scarcely used in the field of investigation of Translation Studies. Thus, through the data obtained in the narration of the reality of the academic formation and taking into consideration this data as a source of knowledge, important aspects were identified within the graduation that are perceived as differentials in the learning process and acquisition of Translation Competence.

**Keywords:** Self-observation, Narrative Inquiry, Translation Competence.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	REVISÃO TEÓRICA .....	14
3	MÉTODO DE COLETA .....	17
4	AUTORRELEXÃO A PARTIR DA NARRATIVA .....	19
	4.1 História pessoal no curso .....	19
	4.1.1 Desenvolvimento da Competência Tradutória.....	19
	4.1.2 Motivações e fatores pessoais .....	24
	4.2 Aprendizagem e desenvolvimento da Competência Tradutória .....	28
	4.2.1 Papel das interações sociais .....	28
	4.2.2 Sobre ações e atividades .....	34
	4.3 Percepções sobre desenvolvimento pessoal (CT).....	37
	4.4 Realidades acadêmicas e realidades profissionais .....	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	41
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	43
	ANEXOS .....	46
	ANEXO I – Fluxograma do Curso de Bacharelado em Tradução – Resolução Consepe 40/2016 .....	47
	ANEXO II – TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE .....	48
	APÊNDICES .....	49
	APÊNDICE A – Transcrição dos áudios.....	50
	Áudio I.....	50
	Áudio II.....	60
	Áudio III .....	63

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa concretiza-se em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e objetiva fazer uma autorreflexão sobre minha trajetória acadêmica, através da minha narrativa pessoal, buscando identificar pontos que influenciaram no desenvolvimento da minha competência tradutória, partindo de uma perspectiva centrada no indivíduo e utilizando como método a pesquisa narrativa, que visa investigar a “realidade reconstruída através de narrativas” (PAIVA, 2008).

O modelo de competência tradutória (CT), delineado pelo grupo PACTE, é resultado de diversas pesquisas que o grupo vem desenvolvendo desde 1998 e define-se como a habilidade de utilizar recursos atitudinais, cognitivos e psicomotores de todos os tipos.” (GONÇALVES, 2017). Esses estudos possuem grande relevância nos Estudos da Tradução, especialmente para os trabalhos voltados para o entendimento sobre a formação de tradutoras e tradutores, pois através de métodos empíricos, “têm contribuído para o mapeamento das habilidades e conhecimentos que fazem parte do conhecimento experto em tradução” (LIPARINI CAMPOS E LEIPNITZ, 2017).

Dessa forma, este estudo objetiva, através da análise da narrativa da minha formação universitária, identificar as experiências e aspectos que influenciaram ou não no desenvolvimento da minha CT e seus componentes, possibilitando uma reflexão do próprio curso e de suas demandas.

Além disso, ao unir-se com outros estudos de objetivo semelhante, pretende-se contribuir para o desenvolvimento de uma visão mais ampla sobre quais fatores internos e externos à universidade podem exercer influência na percepção estudantil sobre os impactos das disciplinas do fluxograma do curso (ver ANEXOS) no desenvolvimento da CT, assim como dos aspectos que fazem parte dos componentes psicofisiológicos.

Levando em consideração que, ao propor uma autorreflexão sobre um histórico pessoal, é quase inevitável transitar pelo campo da subjetividade, da mesma forma, tornou-se inevitável transitar o texto entre a impessoalidade da linguagem e a narrativa em primeira pessoa. Como autora, não apenas deste texto, mas de experiências e de pontos de vistas narrados neste trabalho, colocar-me como enunciadora “imprime ao relato um tom de sinceridade, de fidelidade, de testemunho vivo, que resulta em força de convencimento no processo argumentativo” (OLIVEIRA, 2014). Ainda sobre a linguagem, fundamentando-me nas

discussões de Garcia e Sousa (2016) e nas minhas próprias vivências em projetos acadêmicos que questionavam os mecanismos sexistas e opressores da Língua, sempre que possível, utilizei linguagem inclusiva para marcar a visibilidade dos gêneros, especialmente do gênero feminino.

O presente texto é composto pelas seguintes seções: revisão teórica, onde serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam e norteiam esse estudo; método de coleta, onde será explicada a metodologia aplicada para coletar os relatos que serviram de fonte para a análise; autorreflexão a partir da narrativa, onde serão discutidos os principais aspectos coletados da narrativa que colaboraram com o desenvolvimento da minha CT e considerações finais, onde será feita uma reflexão final sobre o resultado da análise.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

Como citado na introdução, esse trabalho constitui uma autorreflexão a partir da minha narrativa pessoal como estudante universitária do curso de Bacharelado em Tradução, na qual relato de forma livre as experiências mais marcantes, tendo como perspectiva primordial citar aquelas que podem ter contribuído para o desenvolvimento da minha CT.

Desde os primórdios da sociedade, as narrativas se fazem presentes. Não só como uma forma de preservar e perpetuar a cultura e as vivências através da história narrada, mas também como um instrumento que é capaz de construir realidades individuais e coletivas. As narrativas carregam eventos, percepções e discursos que remontam uma existência. Vale ressaltar que mesmo as narrativas que pertencem ao espectro das artes, como a literatura, o cinema e o teatro, não estão menos carregadas de alegorias capazes de construir uma realidade, moldando assim, segundo Bruner (2002), nossas vivências, conforme explica Moutinho (2016, p. 1):

[...] ao contarmos uma história, circunscrevemos os personagens no tempo e no espaço, abrimos a possibilidade para tratar os personagens em processo de transformação e, no enredo, colocamos os personagens em relação uns com os outros, criando um mundo social no qual os personagens entram em conflito e emergem com qualidades morais.

Além disso, a nível individual, escutar uma narrativa é uma das melhores formas de entrar em contato com o(a) outro(a) e reconhece-lo(a) como um(a) sujeito(a), pois ela se torna o relato da construção de uma identidade (MOUTINHO, 2016). Sendo assim, o estudo dos significados e representações presentes nesses relatos viabilizariam desdobrar a influência das percepções na compreensão identitária e visão de mundo de determinada pessoa ou grupo. Chegamos, dessa forma, no método de pesquisa conhecido como pesquisa narrativa.

De acordo com Paiva (2008, p. 3), a pesquisa narrativa não é novidade no universo acadêmico e está presente em diversos “campos do conhecimento: na semiótica, na medicina, na enfermagem, na psicologia, na psicanálise, na comunicação, na sociologia, na tecnologia da informação, na antropologia, na filosofia, na arte, estudos *gays* (sic), estudos feministas, etc.”. Ela também se faz presente no campo linguístico, através de nomes como Labov e Waletzky, assim como Clandinin e Connely. Esses campos do saber, desde o início do século 20, investigam “a realidade reconstruída através de narrativas.” (PAIVA, 2008).

No campo das Letras, especificamente, é um método de investigação bastante utilizado, pois, conforme Sousa (2012, p. 46), “narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma

das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação”. Sendo assim, é válido afirmar que debruçar um olhar investigativo sobre uma narrativa permite a quem investiga analisar os diferentes parâmetros e contextos que contribuem para a construção de uma identidade e da relação da pessoa com sua própria história e vivência.

Se a pesquisa narrativa contribui para identificar e compreender os elementos que se constituem fundamentais na formação de professores e professoras, é possível afirmar que o mesmo método também seria válido para compreender os aspectos que contribuem potencialmente para a formação de profissionais de tradução e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de sua competência tradutória. No entanto, nos Estudos da Tradução, ainda são poucas as pesquisas que se utilizam desse método para investigar a formação de tradutores e tradutoras, assim como outros aspectos relacionados ao ofício tradutório e seu campo de conhecimento.

Um dos trabalhos mais recentes e que serviu de referência para a realização desse estudo é o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Auto-reflexão Sobre O Desenvolvimento Da Competência Tradutória A Partir Da Tradução De Textos Técnicos De Matemática Do Francês Para O Português Do Brasil” (DETMERING, 2018), no qual é apresentada uma autorreflexão da autora sobre as traduções de textos técnicos que realizou durante sua atuação em um projeto de extensão do curso denominado EXTRAD – Extensão em Tradução. Apesar do trabalho não se afiliar explicitamente ao método de pesquisa narrativa, ele tem como foco sua narrativa como forma crucial para “apresentar a percepção discente de como se deu o processo de desenvolvimento da competência tradutória” (DETMERING, 2018, p. 12).

A referência de definição e modelo de Competência Tradutória utilizada neste trabalho foi desenvolvida pelo grupo PACTE em seu estudo *Building a translation competence model*, de 2003, no qual o grupo utiliza de métodos experimentais para reformular um modelo anteriormente proposto em 1998 (PACTE, 2003). Este modelo é composto por cinco subcompetências e pelos componentes psicofisiológicos, os quais são delineados como componentes atitudinais que envolvem aspectos como motivação, ânimo, persistência, curiosidade, senso crítico, entre outros (GONÇALVES, 2017). Conforme Liparini Campos e Leipnitz (2017, p. 1729), fazem parte da competência tradutória as seguintes subcompetências:

- Subcompetência bilíngue: representa os conhecimentos relacionados as línguas trabalhadas no processo tradutório como os aspectos sociolinguísticos, textuais e pragmáticos, assim como vocabulário e gramática.
- Subcompetência extralinguística: representa os conhecimentos sociais, culturais, históricos e discursivos sobre o mundo e seus contextos.
- Subcompetência sobre conhecimento em tradução: representa o entendimento que a tradutora e o tradutor a respeito das teorias da tradução e do ofício tradutório.
- Subcompetência instrumental: representa o domínio de que traduz em relação ao uso de recursos tecnológicos assim como fontes de documentação utilizados no processo tradutório
- Subcompetência estratégica: possui um papel central no modelo, pois é colocada como uma subcompetência que gerencia as demais. Representa a habilidade da tradutora e do tradutor em criar planejamento, identificar problemas e tomar decisões, gerenciando assim o processo tradutório como um todo. Essa subcompetência também pode vir suprir impasses causados pela insuficiência em alguma das demais subcompetências.

### 3 MÉTODO DE COLETA

A primeira etapa para realizar a análise proposta nesta monografia foi elaborar um método para ter acesso à narrativa pessoal sobre minha formação universitária dentro do curso de Bacharelado de Tradução da UFPB, tendo como foco os eventos que contribuíram e os que não contribuíram para o desenvolvimento da minha CT.

Em um primeiro momento, para a coleta dessa narrativa, tentei fazê-la de forma escrita, buscando redigir livremente os relatos relacionados ao objetivo deste trabalho. No entanto, não foi um método eficaz, pois observei que havia uma preocupação em manter a norma culta da língua portuguesa e o padrão do formato acadêmico no texto, o que terminou restringindo o livre pensamento na escrita. Em meados de agosto de 2019, a partir de uma conversa informal com Edilza Detmering, a mesma me deu a sugestão de coletar essa narrativa pelo método oral através da gravação de áudios que seriam posteriormente transcritos.

Esse método se mostrou bem mais eficaz, pois a oralidade não trazia a preocupação em enquadrar a língua em um molde ou formalidade específicos. A orientação recebida de gravar os áudios como se estivesse conversando com uma amiga ou um amigo também contribuiu para que eu me expressasse livremente durante as narrativas. Para tal feito, fiz uso de três ferramentas, sendo duas online e um software. A primeira foi o site Voice Spice Recorder, um gravador online que captura e reproduz áudios. Após a gravação, os áudios eram baixados e arquivados para passarem pelo processo de transcrição.

Para a transcrição, fiz primeiro o uso de um programa chamado Voicemeeter, um mixer de áudio que permite controlar a saída de áudio de diversos aplicativos. Assim, era possível isolar apenas a saída do áudio a ser transcrito e evitar interferências externas. Em seguida, para manter a transcrição escrita o mais próxima possível da fala gravada, escolhi o site Dictation, que usa da tecnologia de reconhecimento de voz para transcrever áudios automaticamente. Vale ressaltar que, apesar do site ter uma alta porcentagem de precisão, a transcrição ainda precisou de algumas correções para não prejudicar o entendimento das experiências e pontos de vista narrados.

Como critério para essas correções, decidiu-se alterar o mínimo necessário com o objetivo de manter a transcrição o mais intocável possível e, assim, preservar sua confiabilidade. Foram feitas correções de termos completamente equivocados em relação à fala e algumas pontuações foram realizadas, apenas para facilitar a leitura. A partir dessas

transcrições, presentes integralmente na seção APÊNDICE desse trabalho, foram selecionados os trechos que, de acordo com o meu ponto de vista, foram mais relevantes para evidenciar o desenvolvimento ou não da minha CT.

Por fim, foi feita uma autorreflexão sobre a minha formação tradutória, a partir da narrativa, e os trechos selecionados serviram de base argumentativa dos pontos levantados na análise.

## 4 AUTORRELEXÃO A PARTIR DA NARRATIVA

É importante enfatizar que este trabalho se centra na autorreflexão da minha trajetória acadêmica e, por esse motivo, permeia pela percepção pessoal a respeito das experiências vivenciadas, ressaltando momentos que demonstrem o desenvolvimento da minha CT ao longo do curso.

Dessa forma, apresento nesta seção as observações que resultaram desse processo, juntamente com as etapas que fizeram parte dessa jornada.

### 4.1 História pessoal no curso

Os cinco anos que se seguiram, desde o início do curso, foram marcados por vivências internas e externas à sala de aula que influenciaram no meu desenvolvimento como estudante e futura tradutora, assim como no desenvolvimento dos subcomponentes da minha CT. As experiências mais relevantes são relatadas e discutidas nas próximas seções.

#### 4.1.1 Desenvolvimento da Competência Tradutória

Inicialmente, foquei nos fatores internos à sala de aula que influenciaram no desenvolvimento da minha CT. Por fatores internos, me refiro majoritariamente às disciplinas que estruturam a grade curricular do curso, assim como suas atividades. Diversos trechos da narrativa evidenciam a importância das disciplinas para minha formação acadêmica e pessoal e nesta seção, citarei as principais. A começar pelas disciplinas teóricas, como no seguinte trecho:

##### Trecho 1:

*Eu tenho certeza que as teorias foram fundamentais para a minha formação porque não tem como, sem você ter acesso às teorias, aos estudos já feitos e aos propósitos dessas teorias, o que que elas estavam trabalhando, estudando, tentando analisar do ofício tradutório para auxiliar os tradutores e tradutoras a fazer tal coisa porque, por exemplo, as teorias funcionalistas, que falam sobre a importância de você fazer um projeto tradutório, você pensar em pra quem você tá fazendo, em qual meio vai ser veiculado, o que que você quer passar, você pensar no seu projeto tradutório, isso só vem com as teorias; Ah, eu posso chegar e falar assim assim assim, ah isso vai te ajudar, mas quando você lê a teoria e de onde isso partiu e aonde isso quis chegar ajuda você entender a importância e o propósito daquilo, e não simplesmente você engolir como uma receita de bolo, sabe? como uma cartilha.*

Nesse trecho, compreende-se que as disciplinas teóricas são percebidas como essenciais para o desenvolvimento de diversas subcompetências. Aqui, destaca-se especialmente a

subcompetência sobre conhecimentos em tradução e a subcompetência estratégica, por trazerem à tona o trabalho de estudiosas e estudiosos que buscaram esmiuçar o ofício tradutório e seus caminhos, apresentando meios facilitadores para o processo. Através do fluxograma do curso, entende-se que faz parte desse conjunto de disciplinas teóricas: Teorias da Tradução I, Teorias da Tradução II, Teorias do Texto I, Teorias do Texto II, Teoria Literária Aplicada aos Estudos da Tradução e Tradução e Cultura I.

Outro ponto relevante de se refletir sobre as disciplinas teóricas é que muito se discute na academia sobre sua real importância na formação de futuros profissionais de Tradução. Algumas pessoas discordam de que elas seriam necessárias para a evolução e amadurecimento do ofício tradutório. Esse debate é demonstrado no seguinte trecho:

**Trecho 2:**

*Eu sinto muito isso porque as teorias são meio polêmicas na formação tradutória e muita gente pensa que é isso que você traduzir é você ter uma receita de bolo, alguém que vai ensinar uma receita de bolo e você deve apenas praticar, mas é como se as pessoas quisessem apenas uma cartilha simples, tipo faça isso, isso e isso e sua tradução vai dar certo e agora pratique, pratique e pratique. Mas, não é. A tradução em si, eu consigo entender hoje, existem ferramentas que te auxiliam, existem estudos nos quais você pode se fundamentar, mas justamente são processos que vão te auxiliar a você encontrar um caminho próprio. A tradução é um processo também muito pessoal, você vai encontrar a melhor forma de trabalhar sua tradução e a sua forma de trabalhar sua tradução pode não ser a mesma forma de uma outra tradutora ou tradutor. Isso não significa que está errado. Significa que pra uma pessoa é melhor de uma forma pra outra pessoa é melhor de outra.”*

Sendo assim, percebe-se que as disciplinas foram fundamentais para amadurecer a minha visão do que era tradução que passou de:

**Trecho 3:**

*E aí eu comecei o curso e quando eu entrei o que eu pensei que era tradução? Eu achava que era você passar um texto de uma língua para outra, você passar uma informação, mas vamos falar assim né, porque eu tinha essa consciência, você passar uma informação de uma língua para outra. Eu conseguia compreender que envolvia elementos culturais. Isso eu acho muito interessante porque mesmo antes da faculdade eu já conseguia ter um pouquinho de noção, mesmo sem entender o que eu tava fazendo, entender o nome, de escolhas tradutórias. Eu nunca fui tão na literalidade, eu sempre procurava entender um pouquinho do contexto para ver qual palavra que se encaixava melhor. Mas, ainda assim era uma ideia muito superficial.*

para:

**Trecho 4:**

*hoje praticamente concluído o curso entendo que é muito mais do que isso, eu consigo compreender que você precisa realmente se envolver na cultura fonte com a qual você está*

*trabalhando e na cultura de chegada por que a relação entre língua e sociedade você não tem como separar não tem como separar a época dessa informação que você tá trabalhando o local o momento contexto sabe os discursos que envolvem aquela informação e o propósito para o qual está fazendo. Isso foi algo muito importante que aprendi na faculdade. E que veio com as teorias tradutórias.*

Dentro dessa narrativa, é possível inferir que percepção acerca da relevância das disciplinas teóricas se dá pelo aprofundamento da importância sobre a aprendizagem dos conhecimentos de mundo (subcompetência extralinguística), como elementos culturais e sociais da cultura de partida e de chegada que envolvem o ofício tradutório, conhecimento este que foi relatado no trecho 3 como sendo superficial no período anterior à universidade.

Ainda sobre os componentes curriculares, as disciplinas práticas parecem apresentar tanta relevância quanto as disciplinas teóricas, com o adicional de tentar aproximar a estudante ou o estudante do que seria a realidade tradutória para além dos muros da universidade, como consta nesse trecho:

**Trecho 5:**

*Ah, sim! E o fato das disciplinas envolverem diferentes setores como textos técnicos, jurídicos, mídias digitais e literários, é essencial porque a gente começa a experimentar as diferentes possibilidades de trabalho que a gente tem e a gente começa a descobrir o que tem mais afinidade e isso é muito animador porque aí que você descobre se você tá querendo isso para sua vida. Então, como eu disse, eu acho as teorias essenciais, mas isso não invalida a extrema importância da prática, com toda certeza, porque aí você começa a descobrir se é isso mesmo, se você se identifica com isso, você tá vendo as possibilidades, você tá vendo o que é que você vai fazer. É... o fato de você ter atividades para a casa e você ter prazos a cumprir*

Observe, no trecho anterior, o segmento ‘muito animador’ que denota uma importância das disciplinas práticas para o desenvolvimento de componentes psicofisiológicos, como motivação, o ânimo e a curiosidade. No trecho a seguir, é aprofundada a reflexão sobre isso:

**Trecho 6:**

*E as disciplinas práticas, elas para mim, elas foram essenciais no que se diz respeito a essas competências fisiológicas como a motivação, a animação, a determinação. Acho que esse é o grande charme que atrai muita gente e acabam esquecendo a importância da teoria, se sentir um tradutor ou tradutora de fato e você está em um ambiente seguro onde você pode errar. Então, as disciplinas práticas permitem que você faça uma tradução e tenha dúvidas né? Não fica com medo de entregar algo que você não tem certeza porque ali você tá no espaço que você pode errar e que alguém vai te ajudar e que alguém vai te auxiliar, ao contrário do mercado de trabalho que você não tem um espaço tão seguro assim, eles pressupõe que você já saiba o que está fazendo e, dependendo do quanto você não demonstra sua competência você pode perder uma oportunidade você pode perder o emprego e enfim.*

A respeito dessas disciplinas, destaca-se todos os Estágios Supervisionados, Estudos de Corpora na Tradução, Léxicos e Dicionários e TIC e Documentação. Ainda sobre elas, em particular, tece-se o seguinte comentário, o qual também complementa o impacto das disciplinas práticas no aprendizado de ferramentas para o exercício do fazer tradutório, sendo fundamentais para desenvolver a subcompetência de conhecimentos em tradução:

**Trecho 7:**

*Outra disciplina essencial com certeza é a, eu vou falar “tique”, mas eu sei que isso é polêmico porque tem gente que fala sei lá, t.i.c, enfim... é a disciplina que a gente aprende a usar ferramentas mesmo, como a gente aprende a usar melhor o Word, etc. Tem também outra disciplina onde a gente aprende a usar as ferramentas de tradução, né, as Catools e isso é essencial porque facilita, né? Você descobre que existem ferramentas que podem facilitar o seu trabalho, você ir além do, sei lá, dividir o Word em duas telas e olhar o texto fonte de um lado e no outro você ficar digitando o texto de chegada. Esse processo tá errado? Não tá errado. Mas pode ser feito de uma maneira melhor e mais fácil? Pode. E para isso servem as Catools e você também começa, você aprende que existem outras ferramentas, online e físicas também, como dicionários e tal, como a disciplina de léxicos e ensina a importância de dicionários que você aprende a pensar criticamente também sobre o uso deles isso é importante porque existem ferramentas polêmicas como os tradutores automáticos que tem gente que pensa que não se pode usar de jeito nenhum porque você vai tá trapaceando desqualificando sua produção e tal mas você aprende que você pode usá-los de maneira crítica. Você não vai usá-los para eles fazerem a tradução por você, até mesmo porque a gente aprende que eles não são capazes. Você aprende que eles podem servir de auxílio em um caso ou outro e que tudo bem, né? Você aprende a usar sabiamente essas ferramentas e, quando você entende isso, quando você reflete sobre isso, quando você pratica isso, aí realmente o seu trabalho flui com mais facilidade, porque, por exemplo, às vezes existe uma palavra que tá entroncada e aí você usa uma ferramenta online que lhe dá uma sugestão que você pensa: nossa não pensei isso, e isso pode auxiliar na sua tradução e tal. Ah, e os concordanciadores são essenciais porque ajuda muito a gente a entender que tipo de palavra é mais adequado para determinado contexto naquele contexto ocorre... porque né a gente não tem uma escolha tradutória, uma palavra de diversos caminhos, então dentro do que você tá fazendo, dentro do seu projeto, qual é o melhor? Eles podem ajudar... enfim, então essas disciplinas que ensinam a gente a usar as ferramentas físicas e onlines na prática, que pode ajudar.*

Através dessas observações, é possível inferir o papel relevante que uma formação acadêmica pode exercer no trabalho de uma tradutora ou um tradutor, pois antecipa o aprendizado de ferramentas que otimizam o fazer tradutório.

Uma última questão interessante a ser levantada é sobre a importância das disciplinas relacionadas ao ensino da Língua Inglesa, idioma principal trabalhado no curso.

**Trecho 8:**

*Então, eu acho que é meio que o óbvio redundante falar que as disciplina de língua são essenciais porque a gente aprende na faculdade que Língua nunca tem um fim, especialmente quando você é autodidata; se você nunca tem um fim quando você faz esses cursos fabulosos e caríssimos de 12, 20 módulos de Cultura Inglesa e você termina sendo a*

*tampa das galáxias e mesmo assim você ainda tem muita coisa para aprender porque a língua é algo contínuo e mutável e se ressignifica e que muda e que está em constante movimento, quanto mais quando você é uma simples autodidata que começa a assistir filme com legenda em inglês e pensa que você sabe tudo da língua e pronto. Então, as disciplinas de Língua são extremamente importantes para essa consciência de que você precisa desenvolver a sua competência bilíngue e que é importante você se manter em contato com a língua e em constante aprendizado e permanecer com esse contato sempre que puder.*

Nesta narrativa, entende-se que as disciplinas de ensino do idioma são importantes não apenas para sua finalidade óbvia, mas para criar a consciência de que esse é um aprendizado contínuo que a discente ou o discente precisa levar para além da sua formação, mas também para sua vida pós universidade. Ou seja, a subcompetência bilíngue precisa ser continuamente desenvolvida, através do contato frequente com o idioma e os aspectos culturais que o envolvem para que se tenha um bom desempenho do ofício tradutório.

Em seguida, surge uma reflexão sobre o que seria fluência na língua estrangeira e, conseqüentemente, questiona-se o método anterior de entrada do curso, que exigia uma prova de proficiência<sup>1</sup> no idioma para aprovação e, através do relato da experiência de uma colega de curso, questiona-se também até que ponto é papel da universidade limitar as pessoas que não possuem nenhum nível de conhecimento da língua e se isso poderia se tornar uma ferramenta de exclusão, como pode ser visto nos trechos a seguir.

Trecho 9:

*Apesar de eu, honestamente, ter um certo problema com a definição de “qual é o ponto que você para tem que chegar pra ser dito que você tem um nível satisfatório da língua?”, sabe? Porque sempre me pareceu, no começo do curso e até hoje eu tenho essa sensação, que o imaginário coletivo sobre a fluência linguística é um nível altíssimo de domínio dessa língua que não é tão essencial assim pra você conseguir efetuar uma boa tradução. Claro que, quanto mais domínio melhor, claro, óbvio! Mas, eu acho que existe um ponto que é um pouco abaixo desse super domínio de excelência de fluência que você já consegue realizar boas traduções. Eu sei que o curso antes fazia teste de língua pra testar o seu nível antes de você entrar no curso porque você só entrava no curso se você tivesse um certo nível, só que aí veja, eu parei para avaliar que eu e alguns outros alunos e alunas que eu conheci no curso não teriam entrado no curso se esse método continuasse. A gente com certeza não teria entrado porque a gente não teria passado nessa prova. No entanto, nós somos pessoas que, ao contrário de algumas outras pessoas que já tinham grande nível na língua, nos interessamos extremamente pelo curso e isso nos motivou a buscar o conhecimento na língua dentro e fora*

<sup>1</sup> O exame de proficiência citado estava vinculado ao fluxograma do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) conforme Resolução Consepe 33/2009 e exigia, no mínimo, o nível B1 em uma das quatro línguas (inglês, espanhol, alemão e francês) oferecidas pelo curso. É importante ressaltar que esse exame não existia na criação do curso, mas foi adotado devido à grande retenção e reprovação ocorrida com ingressantes durante a graduação. No entanto, isto levou a uma baixa taxa de ingresso, pois a falta de conhecimento na língua estrangeira compartilhada por diversas e diversos estudantes brasileiros impedia que o nível exigido pela prova fosse atingido. Outro impasse era a impossibilidade de acessar o curso pelo sistema ENEM-SISU.

*da universidade. Especialmente quando a gente entende que a gente tem que ter esse contato e que a língua é um constante aprendizado. Então, começar o curso e se identificar com que a gente ia vendo aos poucos, compreender o que envolvia tradução, esses passos iniciais foram extremamente importantes e, claro, entender a questão do seu nível atual de língua e o quanto você precisa melhorar isso para conseguir acompanhar o que você pretende fazer. tudo isso foi essencial para melhorar essa competência bilíngue. E, talvez, hoje eu não estivesse aqui gravando esse áudio e algumas outras alunas que até tinham nível menor que o meu, de não entender nada. e que hoje são excelentes tradutoras e excelentes bilíngues. Talvez hoje saibam até mais a língua do que eu porque também tiveram a oportunidade de desenvolver mais, como aulas particulares e coisas de tipo, fora da faculdade, claro. Então, tutorias, monitorias, todas essas atividades que buscam contribuir que o estudante ou a estudante desenvolva cada vez mais a competência linguística foi essencial com toda certeza.*

As disciplinas de ensino do idioma, assim como as atividades auxiliares, como tutorias e monitorias, contribuíram para o aperfeiçoamento da competência bilíngue e foram determinantes também para a motivação e o estímulo na busca por esse aprendizado, evidenciando que o curso entra em consonância com as pesquisas do grupo PACTE (2003; 2005; 2008; 2014) que afirma que a subcompetência bilíngue não é exclusiva de quem traduz e, por isso, o curso de tradução deve proporcionar o aperfeiçoamento dessa competência, mas investir no desenvolvimento das demais subcompetências.

É possível compreender também que, na percepção subjetiva, os parâmetros e definições de fluência no idioma, ou seja, o nível linguístico satisfatório para tradutores pode ser mais discutido, através de aulas que suscitem a reflexão sobre o assunto. Portanto, há um reconhecimento de que o constante aprendizado e evolução da competência bilíngue é importante, mas questiona-se uma suposta exigência acentuada do que seria considerado um nível aceitável da competência bilíngue para que a tradutora ou o tradutor sejam capazes de realizar seu ofício.

#### 4.1.2 Motivações e fatores pessoais

Pontos importantes a serem observados na narrativa são os fatores pessoais que influenciaram na motivação para me manter no curso, assim como aqueles que trouxeram dificuldades. O primeiro ponto é a motivação que já existia antes da entrada no curso. E isso se deve a dois fatores: motivação pessoal em concluir um curso universitário e início de uma vivência na área de conhecimento do curso, através da realização de pequenas traduções

informais para *fansubs*<sup>2</sup>, o que foi determinante para a escolha dessa graduação, como é relatado no trecho abaixo:

**Trecho 1:**

*Então, a minha terceira graduação, eu demorei um bom tempo pra escolher, na verdade, eu acho que passei alguns, sei lá, acho que 5 ou 6 anos para poder escolher porque se fosse para entrar na faculdade uma terceira vez, eu queria entrar para terminar. E o motivo de eu tá dizendo isso é porque essa determinação foi muito importante para que eu seguisse até o fim, mesmo eu tendo me identificado demais com o curso e mesmo querendo muito me formar para exercer a profissão, mas isso influenciou. Porque, quando eu me mudei para João Pessoa, eu não me mudei exatamente por causa do curso, mas eu já sabia que tinha Federal aqui e eu já sabia que tinha o curso de tradução. já tinha olhado e eu já tinha me interessado. Eu entrei no site do curso, eu li sobre o curso, eu tinha um interesse grande porque eu tava informalmente realizando algumas traduções antes de saber que o curso existia. Tradução para mim surgiu, na verdade, como uma forma bem inesperada, eu tava começando entrar em contato com a cultura coreana, então eu tava começando a ouvir músicas e a entender um pouco mais sobre a cultura, sobre como funcionava o país e eu comecei a me interessar muito pela língua coreana. E aí como eu comecei a me interessar pela língua coreana, eu comecei a tentar aprender a língua e comecei a me envolver com alguns grupos que faziam legendagem de conteúdo coreano, só que esses grupos eles legendavam do inglês para o português, que é uma língua que eu acreditava que dominava. Descobri na faculdade que não. **Aí, eu entrei em fansub que fazia legendagem de vídeos de conteúdo coreano e eu comecei a legendar, eu cheguei a legendar uns dois vídeos pra esse grupo, do inglês-português, e eu comecei a gostar disso,***

No trecho em destaque, há uma primeira evidência de uma experiência que fortaleceu a motivação no curso, a qual, inicialmente, consistia no interesse em efetivamente concluir um curso universitário, além da curiosidade em conhecer as possibilidades de aprendizado que o curso de Tradução poderia oferecer. Observa-se que esses elementos foram estratégicos para manter o foco no aprendizado e na permanência no curso, evidenciando que vivências anteriores à entrada acadêmica podem exercer influência no desenvolvimento das estudantes e dos estudantes em sua formação.

Outro fator pessoal e prévio à universidade foi a possibilidade de carreira profissional que o curso oferecia, como pode ser visto a seguir:

**Trecho 2:**

*uma possibilidade de carreira que sempre me interessou e que a tradução iria permitir era ser freelancer. Era trabalhar pra mim, era trabalhar em casa e que, como eu disse, era uma coisa que eu já estava tentando só que eu estava envolvida com maquiagem – porque eu trabalhei mais de seis anos na área de beleza - tava dando certo inclusive, e quando eu vim para João Pessoa eu não continuei isso porque eu precisava de emprego para ontem então eu voltei para o shopping e aí quando eu passei no curso eu pensei: poxa, eu posso tentar trabalhar com isso trabalhar para mim com tradução, pode dar certo. **Então, foi aí que, apesar de tudo que tava acontecendo, a faculdade falou mais alto e eu decidi ficar na cidade, por***

<sup>2</sup> Abreviação de *fan-subtitled* (legendado por fãs, tradução minha)

***conta do curso. Então, até hoje eu digo para todo mundo que não foi o curso que me trouxe para João Pessoa, mas foi o curso que me fez ficar***

Entende-se através destes trechos que a escolha do curso não foi aleatória. Houve pesquisa sobre as possibilidades que o curso ofertava e uma reflexão se essa oferta correspondia às expectativas pessoais que haviam naquele momento. Infere-se, assim, que essas atitudes também foram incentivadas para a permanência no curso.

Já inserida no ambiente universitário, em contrapartida, um fator pessoal externo à universidade que trouxe dificuldades para manter o estímulo e ânimo foi o trabalho formal dentro de uma empresa privada que exigia 8 horas diárias, além das horas extras e tempos de deslocamento. A dificuldade de conciliar trabalho e estudo é uma questão social amplamente debatida. Essa situação pode ser identificada em vários momentos da narrativa, como nos trechos a seguir:

**Trecho 3:**

***- eu trabalhava, né, até pouco tempo atrás, inclusive - então sempre foi muito difícil conseguir fazer tudo 100% gradativamente assim as coisas foram meio que piorando,***

**Trecho 4:**

***então já era difícil chegar em casa cansada, porque eu chegava em casa mais de 10 horas da noite então saía de faculdade de manhã, saía direto para o trabalho, muitas vezes sem almoçar, então me alimentava mal e aí eu chegava em casa cansada e tal e ainda ter que fazer uma atividade de uma disciplina que eu não tava nem um pouco animada, então não foi muito fácil***

**Trecho 5:**

***porque é muito difícil quando você trabalha fora. O universo corporativo, especialmente de empresa privada, suga você e você ter que pensar e se dedicar a outra coisa é muito difícil***

Não é o foco deste trabalho aprofundar teoricamente as problemáticas existentes ao conciliar trabalho com estudo, mas é importante ressaltar que o pouco tempo livre fora da universidade, em minha percepção pessoal, influenciou consideravelmente no desempenho acadêmico, principalmente no que se refere ao estímulo para realizar ou não determinadas atividades.

É importante observar também que a narrativa aponta para uma consciência de que o trabalho formal não foi agente exclusivo dos impasses encontrados ao longo do curso. Aponta-se também uma responsabilidade pessoal, como se pode observar nos seguintes trechos:

Trecho 6:

*E aí eu fiquei bem frustrada porque como eu não tava motivada com a disciplina, eu acabei não conseguindo, aliada a fatores externos como cansaço e tal. entregar todas as atividades e a minha grande frustração foi que na nessa atividade final eu tive problema com prazo - **que claro isso também é uma questão de responsabilidade minha***

Trecho 7:

*A gente já sabe que **tem que arcar com as consequências***

Trecho 8:

***Culpar, a gente se culpa bastante com muita coisa,***

Dessa forma, observa-se que a motivação e a permanência no curso possuem relação direta com a expectativa que se tinha sobre os impactos positivos do curso na vida pessoal, como uma carreira profissional, por exemplo. Essa expectativa foi gerada, principalmente, através das informações obtidas sobre o curso e seu funcionamento, assim como a experiência informal de trabalhar com tradução antes de entrar na academia. Pode-se inferir que isso foi relevante para lidar com impasses gerados pela falta de tempo e cansaço em decorrência de atividades extracurriculares, devido ao trabalho formal e características próprias da minha personalidade, como pode ser visto neste trecho:

Trecho 9:

***não vou dizer que eu fui uma pessoa muito exemplar nesse sentido, mas, ainda sim, eu aprendi que eu precisava lidar com isso porque eu queria muito trabalhar com isso e aí você aprende desde o começo que uma coisa essencial nesse trabalho é cumprir prazos. Então, por mais que a gente tá nesse universo estudantil e a gente tenha diversos motivos para justificar porque em algumas vezes ou várias vezes a gente não tem um bom desempenho, seja porque a gente tem uma vida externa - eu trabalhava, né, até pouco tempo atrás, inclusive - então sempre foi muito difícil conseguir fazer tudo 100% gradativamente assim as coisas foram meio que piorando, mas ainda assim, a partir do momento que você começa a se identificar e entender que você quer se formar nisso, as disciplinas práticas te ajudam a visualizar um futuro com isso e você começa a entender o que que você precisa melhorar dentro de você para que isso aconteça e por mais que não vai acontecer do dia para noite, mas é um processo e você vai atrás disso, então as disciplinas práticas são importantes para isso, as atividades para casa com prazos são importantes, você ensinar uma pessoa que está se formando para ser tradutor ou tradutora a lidar com prazos é importantíssimo. Então eu me sentia muito motivada com esse tipo de atividade muito e muito frustrada quando eu não conseguia fazer, mas eu não me sentia frustrada em relação ao curso ou em relação ao meu desenvolvimento. Eu me sentia frustrada porque eu sabia que isso era importante para o que eu tava fazendo e não cumprir não era algo positivo, então que eu precisava trabalhar nisso. Mas, entende, tipo, eu me sentia motivada a trabalhar nisso***

Neste trecho da narrativa, também é relatada a importância e a influência que as atividades acadêmicas exercem na percepção do desenvolvimento da CT e na motivação dentro do curso. Essa análise será aprofundada na seção 4.2.2.

## 4.2 Aprendizagem e desenvolvimento da Competência Tradutória

Nesta seção, desenvolve-se a análise sobre os trechos narrados que denotam a percepção pessoal de como se deu a relação entre o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da CT ao longo do curso de Tradução.

Destaca-se a contribuição de dois aspectos ainda não discutidos: o papel das interações sociais, das ações e das atividades acadêmicas exercidas ao longo da trajetória universitária.

### 4.2.1 Papel das interações sociais

A narrativa apresenta diversos apontamentos para o papel das interações sociais como aspectos de influência no processo de aprendizado e consequente desenvolvimento da CT. Essas interações foram categorizadas em dois grupos: interações sociais com docentes e interações sociais com discentes.

Nas interações sociais com docentes, o primeiro aspecto que chama atenção e é colocado como uma problemática é a metodologia de ensino. Essa autorreflexão surge como fruto de uma experiência negativa considerada marcante no histórico de desempenho universitário. Chama-se a atenção para os efeitos negativos e desestimulantes que podem resultar no caso de metodologias que não se apoiam em estruturas que facilitam o aprendizado do aluno:

#### Trecho 1:

*Tá, veja, eu não sei muito como explicar isso, mas existem algumas disciplinas que, como é que eu posso dizer, o método de ensino do professor ou da professora também influencia na nossa motivação, na minha, especificamente, né? Às vezes, eu falo nós ou para nós porque eu sei que várias pessoas passaram por isso também, mas voltando o foco para mim, existem algumas disciplinas - foram poucas - mas tiveram algumas disciplinas que eu estava muito motivada para fazer. Eram disciplinas que me pareciam extremamente interessantes e importantes para minha formação, no entanto, eu não consegui me relacionar, me motivar com o método que a disciplina estava sendo passada e, conseqüentemente, eu não consegui me animar para fazer nada na disciplina, o pouco que eu fiz foi na obrigação e meu desempenho não foi bom e o motivo disso foi porque eu não consegui me envolver com a metodologia do ensino daquela disciplina e um dos motivos disso porque parecia que o docente ou a docente que estava passando disciplina estava tão desmotivada quanto a ensinar, que foi meio que dada de bolo e era uma disciplina densa, era uma disciplina que envolvia*

*muita leitura, que envolvia escrita, não era uma disciplina fácil. É isso que eu quero dizer. Não era uma disciplina fácil, mas era importante. Só que ela não foi passada de uma maneira motivadora e não foi pensado de nada muito diferente, é como se a disciplina inteira tivesse um tom só, sabe? Ela foi bem um tom mesmo e aí eu não consegui me envolver e meu desempenho não foi bom.*

Outro fator interessante é o apontamento de que essa experiência não foi um caso isolado, mas outras e outros discentes compartilharam da mesma dificuldade e desestímulo com essa disciplina específica devido à metodologia de ensino. No entanto, é importante ressaltar que, apesar da insatisfação, em nenhum momento houve uma tentativa das e dos discentes de conversarem sobre a situação com a pessoa responsável pela disciplina. Como já foi discutido, diversos pontos da narrativa possibilitam deduzir que o corpo docente do curso sempre se mostrou aberto ao diálogo e à possibilidade de realizar ajustes que pudessem facilitar o bom desempenho acadêmico do corpo discente. Sendo assim, é preciso considerar a importância da comunicação entre ambas as partes como fator importante para o desenvolvimento e progresso do aprendizado.

A falta de estímulo afetou o desempenho na disciplina e, da mesma forma, comprometeu o desenvolvimento de subcompetências importantes que a disciplina trabalha, como é visto no trecho que se segue:

**Trecho 2:**

*E aí isso influenciou em uma das minhas competências que seria a especialização que você tem que ter na língua, né? A subcompetência bilíngue, certo? Porque a gente precisa ter o máximo que gente pode de domínio da língua, e eu sinto que eu tenho uma certa deficiência que eu tô correndo atrás por conta de algumas disciplinas que eu não consegui aproveitar muito bem por não ter conseguido me envolver com o método de ensino e aí eu não fiquei motivada, então já era difícil chegar em casa cansada, porque eu chegava em casa mais de 10 horas da noite então saía de faculdade de manhã, saía direto para o trabalho, muitas vezes sem almoçar, então me alimentava mal e aí eu chegava em casa cansada e tal e ainda ter que fazer uma atividade de uma disciplina que eu não tava nem um pouco animada, então não foi muito fácil.*

É importante salientar que, nesta experiência, também se assume uma responsabilidade pessoal que contribuiu como o mau desempenho performado na disciplina,

**Trecho 3:**

*Mas, assim, claro que eu não tô procurando culpados nem culpadas,*

Entende-se nessa fala que o método de ensino não é colocado como único responsável pelos impasses enfrentados na disciplina, mas sim como um aspecto de grande influência no estímulo e motivação acadêmica:

**Trecho 4:**

*eu só acho que metodologia do docente ou da docente que está ali na frente também influencia na nossa motivação, na minha motivação, especialmente. A minha motivação e determinação de estar ali.*

Em seguida, ressalta-se como fator de estímulo a atenção que a docente ou o docente tem em identificar estudantes que estejam em um momento de mau desempenho e apresentam flexibilidade para conceder ajustes que possam contribuir para reverter o quadro, como ampliar o prazo de entrega, por exemplo, conforme se pode observar no relato a seguir:

**Trecho 5:**

*Porque, por exemplo, até isso já é um outro ponto que eu queria falar também mas essa flexibilidade do docente da docente perceber que tem um aluno uma aluna que tá tendo dificuldade com alguma coisa e de você tentar fazer algo diferente para ver se o quadro muda. Isso acontece de fato, eu acho que isso é um ponto muito positivo que houve na minha formação. Eu tenho plena ciência que eu cheguei até onde cheguei no curso porque envolveu muita flexibilidade dos docentes de compreender o momento que eu estava passando por uma situação difícil e dar uma esticada no prazo para mim. Algumas atividades incompletas que deu para levar uma nota que eu pudesse passar porque eu explicava que tava passando por um período complicado e não tava conseguindo cumprir algumas tarefas. Eu sei que isso não foi só um privilégio meu, que outras pessoas também tiveram essa oportunidade. Então essa flexibilidade também é essencial porque muitas vezes essa motivação e determinação e ânimo de permanecer se formando e de permanecer desenvolvendo a sua competência tradutória existem diversos fatores extra acadêmicos que influenciam. Nem sempre a pessoa está desmotivada por que ela não tá gostando do que ela tá fazendo ali dentro Mas por que tem alguns fatores externos que envolvem então eu acho importante observar esses casos e eu acho importante quando o docente ou a docente tenta chegar junto, entender o que tá acontecendo e ver como pode ajudar, essa postura é muito melhor do que aquela estrita de você sabe o que tem que fazer e você não fez, paciência, arque com as consequências. Porque isso todo mundo ali é adulta e adulto e já faz. A gente já sabe que tem que arcar com as consequências, mas nem sempre esse tipo de postura contribui com nenhuma das partes.*

Subentende-se nesse relato que a postura docente considerada como inflexível é aquela onde não há oportunidade para diálogo e compreensão do momento que a estudante ou o estudante pode estar passando e, dessa forma, não abre possibilidades de novos caminhos que viabilizem o êxito da aluna ou do aluno na disciplina. No entanto, ao mesmo tempo que essa postura é questionada como fator de desestímulo, a narrativa demonstra que esse tipo de comportamento não faz parte da experiência pessoal com as docentes e os docentes do curso de tradução, havendo um reconhecimento da abertura e proximidade docente vivenciado ao longo

do curso, que são caracterizadas como fatores positivo e determinante para a permanência e progresso no curso, influenciando assim no desenvolvimento da aprendizagem.

Outra questão a ser salientada que aparece na narrativa é a influência dos retornos e comentários docentes após as atividades e avaliações. É importante observar a reflexão que foi feita sobre reforço negativo e reforço positivo, ou seja, a forma como eram recebidos elogios e críticas e como eles contribuíram para manter o ânimo durante a graduação, como é explicado no seguinte trecho:

**Trecho 6:**

***Tá, no meu caso específico, vou ser sincera, o elogio estimula mais. Mas, eu tenho que admitir que existe a necessidade de um amadurecimento pessoal da minha parte para também receber as críticas como uma alavanca motivadora. Porque eu acho que críticas e notas baixas são um sinal de que algo precisa melhorar e que elas não foram feitas para te deixar pra baixo. Elas foram feitas para você identificar o que você precisa melhorar. Só que a gente ter esse tipo de consciência é muito difícil. Especialmente quando, sei lá, você de repente não tá em um estado mental muito bom, já não se sente muito capaz de alguma coisa, muito suficiente para algo e aí vem uma nota baixa e você pensa assim: “ah, realmente, eu não presto para isso, não sei o que eu tô fazendo aqui.” Então, assim, a gente, no geral, precisa saber lidar melhor com críticas, com uma certa dureza, com notas baixas, entender que aquilo não lhe define e está lhe dando uma oportunidade de melhorar***

Apesar de haver um estímulo maior quando o reforço é positivo, existe um reconhecimento de que o reforço negativo também pode trazer benefícios e que cabe um amadurecimento pessoal para lidar melhor com críticas e mau desempenho. No trecho seguinte, há um relato sobre uma experiência real de um reforço negativo que trouxe resultados positivos para o aprendizado:

**Trecho 7:**

***E, no meu caso, funcionou muito quando eu tirei nota baixa na prova de inglês porque foi um choque de realidade. Eu não esperava que eu fosse mal, então eu realmente identifiquei que eu precisava melhorar porque eu entendi também o quanto aquilo seria importante para minha formação***

Houve também uma reflexão de sobre o motivo do reforço positivo funcionar melhor para o desempenho.

**Trecho 8:**

***então, quando eu recebia elogios ou feedback positivo, é como se aquilo fosse um atestado de que eu sei fazer isso, sabe? Tipo, isso funciona para mim e aí eu fico querendo melhorar porque eu fico querendo ter sempre aquele feedback. Mas, a gente não pode ficar sempre querendo receber elogio, senão a gente nunca vai melhorar.***

Reforço positivo estimulava o desenvolvimento da confiança para realizar as atividades, o que pode ser entendido como estímulo ao desenvolvimento referente à subcompetência estratégica do modelo de CT do grupo PACTE (2003), à medida que esses reforços traziam segurança para planejamento e tomada de decisões, como é possível perceber nesse trecho:

**Trecho 9:**

*E aí hoje eu me reconheço com uma pessoa que – claro, aprender a gente tá sempre aprendendo, né? - Mas eu tenho muito mais segurança do que eu tô fazendo e para defender o meu trabalho. Esses reforços positivos foram fundamentais para isso. Negativos também, mas os positivos sempre me animam mais.*

É importante observar também que, apesar de reconhecer a importância de ambos os reforços, existe uma crítica para a ausência de um reforço, que seria uma situação onde a docente ou o docente não dá um retorno ou faz poucas considerações sobre um desempenho estudantil, apesar de salientar, assim como no caso de postura docente inflexível, essa não foi uma experiência vivida no curso de tradução, mas que foi considerado um ponto importante a ser refletido, como segue no trecho:

**Trecho 10:**

*Como eu disse nos primeiros áudios, tradução não é uma cartilha, né? Definitivamente não é uma ciência exata. Então, quando a gente começa a fazer as primeiras atividades, existe muita insegurança do que a gente tá fazendo, existem alguns professores e professoras que quando dão um feedback, não apenas fazem isso dando uma nota e poucos comentários, mas colocam bastante comentários, pontuando várias partes do texto, e isso ajudam não só você a ver que você tem capacidade para fazer aquilo, que não é um bicho de sete cabeças, que você tá entendendo, que você tá indo para um caminho bom e que aqueles outros comentários ajudam você a identificar o que podia ser melhorado ou não, como existem alguns professores e professoras que se resumem muito no feedback, geralmente não uma nota, falam que foi bom, destacam uma ou duas partes e aí você fica: “Tá, mas e o resto?” Não que tenha faltado feedback. Eu acho que isso no nosso curso é trabalhado de uma forma muito positiva, sabe? Não tô criticando não. Mas, é só para entender que, às vezes, só você ter uma boa nota ali não te ajuda a saber exatamente se era isso mesmo ou se tinha alguma coisa podia ter sido melhor, se eu tivesse trabalhando com um cliente real, aquele texto seria satisfatório*

Cabe aqui fazer um complemento narrativo e explicar que eu cursei disciplinas optativas fora do Departamento de Mediações Interculturais, ao qual o curso de tradução é vinculado. Esse é um dos motivos pelo qual a narrativa contém considerações importantes que não estão diretamente relacionadas ao curso, mas que são frutos da experiência acadêmica como um todo. O foco do trabalho é a experiência e percepções relativas ao curso de tradução, mas ao construir a narrativa e remontar a realidade acadêmica, essas vivências se interseccionam na autorreflexão do percurso acadêmico.

Quanto às interações com discentes, as conversas e trocas de experiências sobre o desenvolvimento do curso podem exercer alguma influência na motivação e na tomada de decisões para realizar ou não atividades acadêmicas, como observa-se nos trechos abaixo:

**Trecho 11:**

*Olha, o que eu posso dizer sobre isso, eu não consigo me recordar se eu já cheguei a mudar de opinião em relação a algum tipo de atividade, algum tipo de disciplina, mas o que eu posso dizer que é que se a maioria dos alunos não estão estimulados com determinada disciplina ou com determinada atividade é como se a gente sustentasse o nosso desânimo no desânimo do outro e aí a gente tipo: “é isso mesmo, não tá funcionando, tá uma droga, não vamos fazer e tal” e não melhora, entende? Tipo assim, se uma ou duas pessoas aparecem com um posicionamento diferente, mostrando o outro lado, que vale a pena de fazer, aí pode ser que melhore porque, eu não lembro exatamente da experiência comigo, deve ser acontecido, mas eu lembro de acontecer com outras pessoas*

**Trecho 12:**

*eu já vi, por exemplo, um aluno tendo muita dificuldade e, em uma roda de conversa entre amigos, a gente tentou dar umas dicas, tipo, “olha mas não torna isso tão difícil, tenta fazer de uma forma mais simples, começa a escrever qualquer coisa porque ele seja lá o que sair já que o lema do nosso curso é melhor mal feito do que não feito, então é melhor você entregar qualquer coisa e você ter algo para receber um feedback do que você não fazer e se prejudicar e tal” e aí eu já vi pessoas se sentindo um pouquinho mais estimuladas. Eu já vi uma pessoa chegar e falar “vou abrir mão e não vou fazer” e através dessas conversas a pessoa mudava de opinião e entregava qualquer coisa para não perder a disciplina. Então, isso existe. A gente sempre sai do curso conversando um pouquinho sobre as atividades e as disciplinas e acontecia se sentir um pouco mais estimulado ou ter certeza que não tava funcionando pra ninguém e aí falar não vou entregar e pronto, sabe?*

No entanto, essa percepção se torna contraditória quando é relatada uma experiência na qual essa troca não trouxe nenhuma mudança significativa, como segue abaixo:

**Trecho 13:**

*No meu caso, eu lembro que sempre gostei muito das atividades de literatura e a maioria da turma não gostava. ainda mais quando era de teoria literária. E eu era uma entusiasta e sempre defendia as disciplinas. Não sei se ajudou muito, mas, em resumo, faz diferença a gente partilhar experiências e eu acho que direta ou indiretamente influenciam em alguma coisa, mas não sei se também causa grandes mudanças, entende? Porque não vi ninguém mais se tornando tão entusiasta da teoria da literatura, apesar das minhas defesas sobre a importância disso.*

Tomando como ponto de partida essa autorreflexão, compreende-se que essas interações podem causar alguma influência, mas não protagonizavam um papel determinante na mudança atitudinal dos discente.

#### 4.2.2 Sobre ações e atividades

A reflexão acerca das atividades acadêmicas, e por atividades entende-se os diversos recursos pedagógicos para exercitar o conteúdo programático da disciplina, como exercícios e avaliações, demonstra um impacto considerável destas no desenvolvimento da diversas subcompetências, como estratégica, instrumental e sobre conhecimentos em tradução, como foi discutido na seção 4.1 sobre a importância e influência das disciplinas no desenvolvimento da CT. Eis um exemplo no trecho da narrativa que fala sobre as atividades que eram destinadas para se fazer em casa:

##### Trecho 1

*as atividades para casa com prazos são importantes, você ensinar uma pessoa que está se formando para ser tradutor ou tradutora a lidar com prazos é importantíssimo.*

A autorreflexão feita e muito discutida durante a narrativa é sobre as atividades que consistiam em fazer artigos acadêmicos. Existe um conflito que vai se desenvolvendo ao longo da reflexão sobre a importância dessa atividade para o desenvolvimento da competência tradutória e da evolução do aprendizado:

##### Trecho 2:

*Uma das coisas que eu acho que talvez tenha sido um pouco complexo para minha formação é... mas eu não sei até que ponto isso é um problema meu, é um problema de metodologia da grade do curso, mas, durante algumas disciplinas que tinha como atividade fazer artigos acadêmicos. Qual é a questão com artigos? Eles, principalmente para quando a gente é estudante - salvo algumas pessoas - eles são textos que são maiores, são complexos, envolvem mais pesquisa e o que que aconteceu comigo: eu descobri que eu gosto muito de artigo, mas ao mesmo tempo, principalmente porque eu trabalhava, eu tinha uma extrema dificuldade de fazer artigo.*

Percebe-se aqui um primeiro ponto de conflito pois, na percepção narrada, não há certeza se o obstáculo com a atividade é pessoal ou está relacionada à metodologia estabelecida pelo curso. Mas, existe um ponto levantado que pode ser associado novamente aos impasses enfrentados pelo pouco tempo livre para se dedicar ao curso além das fronteiras da universidade, assim como a uma dificuldade pessoal em conseguir escrever:

##### Trecho 3:

*Na minha cabeça, quando tinha uma atividade envolvendo artigos, eu já sabia exatamente o que eu ia fazer, o que eu ia pesquisar, eu já tinha o texto inteiro na minha cabeça, ele ia ficar lindo, mas na hora de sentar no computador e colocar no papel, era uma luta. Escrever um parágrafo era uma luta, escrever dois era uma luta, eu sabia que depois de uma página, a coisa*

*ia melhorar mas até só uma página sair era um sacrifício e assim foram várias as atividades que envolveram – não várias - mas tipo assim, acho que teve uns uns cinco artigos como atividade. Eu lembro que eu fiz o primeiro bem, inteiro, que até hoje é um artigo que eu queria desenvolver porque eu fui muito elogiada por ele. Foi na disciplina de léxicos, só que eu fiz ele em uma madrugada, das 10 horas da noite até às 8 horas da manhã eu lembro que eu faltei a aula – faltei? - não, eu acho que eu cheguei atrasada porque justamente no dia da aula era o dia da entrega e eu fiquei fazendo até terminar, e aí quando eu terminei que eu enviei para o e-mail da professora e fui para sala, foi isso. **Eu levei o notebook para faculdade pra terminar que eu tava das 10 horas da noite - 10 horas não, porque eu trabalhava no shopping ainda. acho que foi da 00h até às 8 horas da manhã. Eu fiz uma madrugada assim correndo, louca, nem sei como saiu, mas saiu. Muita coisa minha foi assim, nem sei como saiu, mas saiu. E eu entreguei e eu lembro que eu tirei 10 e eu fui muito elogiada por esse artigo e aí eu lembro que eu fiquei assim, super motivada, assim tipo, eu falei com professora bem como estudante do começo de curso, né? Ah, isso é importante: a gente entra muito motivado, manter essa motivação que é o desafio. Eu lembro que eu falei: “Ah, você acha que seria interessante eu desenvolver para tentar publicar” e ela deu a maior força assim e tal, e até hoje ele está intocado, assim como diversos outros que eu queria terminar de desenvolver e estão intocados porque é muito difícil***

Diante dessa situação, percebe-se que mesmo o bom desempenho inicial com essa atividade e o reforço positivo recebido não foram suficientes para que essa motivação e consequente bom desempenho continuasse ao longo das outras atividades de mesma natureza, pois a falta de tempo, o cansaço da rotina e a dificuldade de escrever foram aspectos que comprometeram o desenvolvimento das atividades posteriores à primeira.

Seguindo com essa reflexão, verifica-se um novo conflito para concluir se a atividade seria ou não importante para o aprendizado dentro do curso, como pode ser visto no trecho a seguir:

**Trecho 4:**

***Eu acho que o fato de você ter que pesquisar sobre algo, porque artigo envolve muito pesquisa, sim; influencia na sua competência de conhecimento de mundo que você tem que ter, influencia na sua competência estratégica, aumenta a sua competência bilíngue, então claro, é uma atividade útil? Tô pensando até agora assim: é, é uma atividade útil, mas para nossa realidade de estudante brasileiro que muitas vezes trabalha que não tem uma saúde mental decente que tem diversos fatores externos, sabe? influenciando ali, sabe? Você muitas vezes está ali à força... à força assim, tipo, tem diversas outras coisas que você tem que resolver, você para tudo para estar ali, naquele momento, na academia, estudando, se dedicando e tal, tudo isso já é tão difícil para ainda você parar e fazer um artigo bom e satisfatório e aí você chega em outra disciplina e você tem que fazer outro artigo, eu particularmente não acho uma atividade ruim, entendo a importância dela, mas eu não sei até que ponto ela contribui para nossa motivação e determinação e ânimo dentro do curso, porque não foi só comigo, acho que é por isso que eu tô falando, isso não foi só comigo tipo assim eu vi tanta gente desesperada quando a atividade era fazer artigo porque não conseguia, achava um saco, não tinha tempo, sabe? Não sabia o que ia fazer.***

**Trecho 5:**

*então, eu não sei, talvez, se fosse talvez 1, no máximo 1 por semestre em uma disciplina porque eu entendo a importância da gente praticar isso até mesmo porque vem o TCC por aí, né? Então, não sei, eu ia falar que eu achava que não contribuía tanto, sabe? Mas, enquanto eu tô contando isso eu tô vendo que é importante... eu acho que é importante. Não sei e vai ficar confuso assim mesmo. É isso, artigo é isso. É importante, mas é difícil.*

Observa-se o ponto de vista sobre a atividade é alterado a medida que a autorreflexão sobre o assunto vai se desenvolvendo e que, se antes os artigos eram percebidos como uma atividade que não contribuía com o desenvolvimento discente, falar sobre isso me proporcionou enxergar o grande impacto da atividade no desenvolvimento de subcompetências importantes para o ofício tradutório. É possível inferir que o que está sendo questionado é a quantidade de vezes que essa atividade é solicitada ao longo do curso, colocando em questão a realidade estudantil no contexto brasileiro, mas há um reconhecimento do seu valor, a ponto de não se considerar uma atividade descartável para o aprendizado, visto que a redação de artigos acadêmicos permite aperfeiçoar e aprofundar habilidades importantes relacionadas a própria língua materna.

A participação em projetos de extensão foi de extrema importância para o desenvolvimento de todas as subcompetências da CT, como verifica-se no seguinte trecho:

**Trecho 6:**

*Uma das coisas que foi fundamental para todas as minhas competências tradutórias, tudo, tudo que tá aqui, a bilíngue, a extralinguística, o nosso conhecimento de mundo, a estratégica, a instrumental, o conhecimento de elementos tradutórios e os psicofisiológicos, todos, todos, todos mesmo, assim, fundamental, foi ter participado de projetos de extensão, o que eu sempre chamei de estágio, porque até hoje toda vez eu falo “eu vou para reunião de estágio” é quando eu vou para a reunião do projeto de extensão, isso foi essencial! Assim, é... eu sei que o Extrad não existe mais porque fugiu do formato de extensão, não era o propósito e tal, eu sei que é difícil formar alunos para formar a famosa empresa júnior, que era o que seria ideal, mas é isso, sabe? Você passar por um processo fora desse mundo de ir para faculdade, para sala de aula, voltar para sua casa, estudar, fazer sua atividade de casa, vai pra faculdade, vai pra sala de aula, volta para sua casa, estuda... você sai dessa realidade e entra nesse ambiente em que você vai ter que lidar com prazos reais, clientes reais, feedbacks, revisão, lidar com prazos, lidar com frustração por ter perdido (prazo), se justificar, receber as críticas, receber sermões, entender, internalizar, trabalhar em cima de você, vê se é isso mesmo que você quer, o que você pode melhorar para atingir tal coisa, projetos que estão fora daquele ambiente da sala de aula, sabe?*

Essa experiência foi considerada essencial para o desenvolvimento discente e um dos motivos apontados é a aproximação da vivência do mercado de trabalho que esses projetos possibilitam, contribuindo com o amadurecimento, ao ter que lidar com impasses que, geralmente, não se encontram no ‘conforto’ da sala de aula:

Trecho 7:

*Me jogar fora disso, isso amadureceu a minha formação que eu não sei nem dizer em que escala, assim, porque a gente entra meio arrogante, sabe? A gente pensa que a gente tá na sala de aula, estudando, que a gente já tá super tampa nas coisas, mas aí, é justamente isso, você entra com essa realidade e você percebe que tem tanta coisa que você pode melhorar, você entra em contato com tantas vertentes, com tantas variáveis que você precisa ajustar, porque você não tinha que lidar com essa pressão antes, porque existe um conforto dentro da sala de aula também, né? Existe uma situação confortável, uma situação que por mais que a gente fique chateada e frustrada por não conseguir cumprir tal coisa mas você entende que não deu, que você fez o melhor que pode naquele momento e que você não vai deixar de se formar por isso.*

Entende-se, assim, que essa experiência foi marcante tanto para o aprendizado quanto para o desenvolvimento da CT. Outras percepções advindas dessas vivências serão analisadas na seção 4.3 e 4.4 deste trabalho.

### 4.3 Percepções sobre desenvolvimento pessoal (CT)

Como desenvolvimento da CT, narram-se percepções sobre o desenvolvimento pessoal no curso. Um dos principais pontos de desenvolvimento pessoal acontece quando se observa uma transição entre se reconhecer como estudante e se reconhecer com tradutora. As vivências dentro dos projetos de extensão são percebidas como essências para esse reconhecimento, como visto no trecho abaixo:

Trecho 1:

*Quando você entra no ambiente de projeto de extensão, aí você começa a encarar as coisas com um nível de responsabilidade muito maior, começa a tentar se programar melhor, a se planejar melhor, a compreender melhor como é que você realiza os seus processos e se não está funcionando como é que você pode melhorar porque... é seriedade, sabe? **Você começa a ver sua formação com mais seriedade**, e ali você se testa, e aí quando você vai fazendo e tendo os feedbacks, independentemente de você receber críticas e falar: “ó, tal, tal, tem que melhorar...” mas você também começa a receber tipo: “isso tá ótimo, ficou bom, o cliente aceitou, deu certo, ficou ótimo, excelente...” começa a lhe dar uma confiança, sabe, tipo, é isso. **Você começa finalmente a construir, você sai desse universo estudantil que a gente se esconde, sabe? A gente mascara essa nossa insegurança nisso, tipo, “ah eu sou só estudante, então tudo bem” e aí você começa a sair disso e você começa a criar e falar “não, agora eu sou uma semi-tradutora, não, agora eu já sou tradutora”***

Neste outro trecho, reflete-se sobre as inseguranças geradas por uma formação acadêmica limitada ao ambiente da sala de aula:

Trecho 2:

*Porque a gente sabe que a gente tá na academia e que os docentes te enxergam como alguém está aprendendo e, por isso, eles vão relevar muitas coisas também. **E claro que a gente tá no lugar onde a gente pode e deve errar mesmo, só que a gente não consegue saber quando a gente atravessa a linha de “eu estou aprendendo” para “agora eu sei o que eu tô fazendo” entende?***

Projetos de extensões e outras atividades que possibilitem simular situações reais das demandas tradutórias influenciam positivamente no desenvolvimento da CT e suas subcompetências como um todo. De mesma forma, o entusiasmo e constante retorno a essas experiências acadêmicas durante a narrativa refletem a influência destas atividades na manutenção dos componentes psicofisiológicos, como a motivação e a vontade de evoluir dentro da própria formação:

Trecho 3

*E eu tive muita sorte por isso porque, como eu disse, eu amadureci muito através da extensão. Se não fosse extensão, tipo, eu ainda seria uma estudante muito imatura em relação a minha própria formação, entende? **Porque sabe que a gente vai chegar aqui fora não vai fazer atividade valendo nota de zero a dez. Quem quer trabalhar com isso profissionalmente precisa ter meios de tornar isso real.***

Vale salientar também que os projetos de extensão, como já foi dito, são colocados como primordiais nesse processo de transição e reconhecimento de uma estudante para efetivamente uma futura tradutora profissional. Isso não desmerece a integralidade do curso de tradução. Essas diferentes práticas proporcionadas pelo curso de tradução é que garantem a formação de uma profissional ou um profissional confiante e preparado para o mercado de trabalho. As múltiplas possibilidades que a graduação proporciona geram diferenças entre tradutoras e tradutores graduados e àquelas e àqueles que não passaram por uma graduação:

Trecho 4:

*Então, só por aí, pra mim, a faculdade influencia demais no desenvolvimento de uma competência tradutória. **Eu sei que existem tradutores e tradutoras que não fazem curso, não acho que isso invalida o trabalho deles e delas, mas eu acredito que o curso é fundamental para aprimorar essa competência e acho que qualquer um que não tem curso e passasse pela experiência, perceberia isso. Até mesmo eu lembro de relatos de alunos dizendo que trabalhavam com isso antes do curso e depois do curso continuavam trabalhando com isso durante e depois do curso e que várias pessoas viraram para dizer que percebiam a diferença na tradução de antes do curso e durante e depois do curso. Então, influencia bastante***

#### 4.4 Realidades acadêmicas e realidades profissionais

Há percepções sobre a diferença entre a realidade universitária e a realidade profissional na área tradução. Primeiramente, narra-se a percepção de um distanciamento entre o ofício tradutório na universidade e no mercado de trabalho. Essa percepção é corroborada pela experiência pessoal de uma colega do curso:

**Trecho 1**

*É muito importante expor futuros tradutores e tradutoras à situações e demandas reais de tradução porque, como disse nos outros áudios, enquanto você tá lidando como um objeto acadêmico como objeto de estudo, por mais responsabilidade e competência que você tenha e por mais que você leve aquilo a sério, existe uma certa zona de conforto de você saber que a partir do momento que você se der mal ou tiver alguma disciplina que você não for tão bem, alguma tradução que você faz meio na preguiça porque você não teve tempo para se dedicar aquela atividade, você sabe que aquilo não é o fim do mundo, né? Você sabe o que não é o fim do mundo, que você vai se dar mal, vai ter um ter, de repente, uma nota baixa, mas o seu curso não vai acabar ali, sabe? Sua vida não vai acabar ali, sabe? Falando de situações reais, você não vai perder o emprego, você não vai perder dinheiro, sabe? Você não vai perder “reputação profissional” porque você tá lidando ali com um ou uma docente que, de repente, até reconhece porque você não conseguiu se desempenhar tão bem, que compreende e sabe que isso não significa que você não tem competência, enquanto que numa situação real, você deixou de entregar uma atividade no prazo, pode ser que aquela pessoa nunca mais te contrate, sabe? Eu tenho uma colega na área de tradução, ela já se formou, mas ela trabalha com tradução profissionalmente desde a formação dela e ela dizia que existe um abismo ainda muito grande entre o que a gente vê como tradução na academia e o que a gente vê como tradução no mercado de trabalho, na realidade mesmo, na vera.*

Reforça-se, assim, a relevância que os projetos de extensão tiveram na formação tradutória, pois eles aproximam o corpo discente do que seria uma situação real da realidade profissional tradutória. Ainda assim, na narrativa, há sugestões sobre a viabilidade de criar uma disciplina direcionada efetivamente para essa aproximação e consideraria os pontos que diferenciam a universidade do mercado de trabalho, como a liberdade tradutória que existe dentro do curso que, ao passar para o campo tradutório, se torna mais restrita. Observa-se que não se diminui a relevância de ir além das limitações da realidade profissional, mas coloca-se em questão a importância de se expor e suscitar o debate dentro da academia sobre essas limitações:

**Trecho 2:**

*Até a questão de liberdade, sabe? Porque na academia a gente tem muita liberdade de como lidar com o texto a gente aprende até que que isso é importante que isso é saudável e tal, e eu não acho que tem que deixar de ensinar essas coisas não. Muito pelo contrário. Mas eu acho que era importante também você ter momento, um capítulo de uma disciplina aí, alguma coisa que avisasse assim “ó, mas no mundo real não é muito bem assim, talvez existam algumas dificuldades, mas isso não significa que vocês tenham que desistir de trabalhar com o texto da maneira de vocês...” tipo assim, de repente, pensar, pesquisar, sei lá, teorizar, fazer o que precisa pra que isso vire aula, ensinar que tipos de caminhos a gente*

***pode ter para tentar diminuir essa distância, pra tentar levar o que a gente aprende que é tão bom e tão importante na academia para o mercado de trabalho. Mesmo que seja em pequenos passos***

A narrativa relata ainda a experiência dentro de uma das disciplinas tradutórias, que trabalhou atividades que suscitaram o debate sobre a realidade profissional e as questões éticas que a permeiam, aproximando assim a estudante ou o estudante do que poderia ser uma experiência real no mercado tradutório. Esse relato pode ser pensado como um exemplo de como poderia funcionar uma disciplina ou aula voltada exclusivamente para esse objetivo:

**Trecho 3:**

***Por exemplo, uma das disciplinas que eu acho que foi bacana que a gente conseguiu discutir um pouquinho isso foi quando a gente trabalhou, acho que foi em alguma disciplina teórica, que a gente falou sobre ética na tradução. E aí, eu lembro que a professora expos algumas situações e levantou o debate do que a gente faria. Então, teve a tradutora super ambiental que ela foi contratada por uma empresa para traduzir pesquisas sobre o prejuízo que as empresas de cigarro causavam ao ambiente, alguma coisa assim, e aí ela achava que ela tinha achado o emprego da vida dela, né? Porque ela tava trabalhando pra uma empresa que era em prol do meio ambiente, traduzindo notícias denunciando essas empresas que fazem mal para o meio ambiente e tal. Ela trabalhou nisso por um tempo e depois ela descobriu que na realidade essa empresa era apenas uma fachada para esconder que o real cliente ou a real cliente era uma empresa de tabaco que fazia isso para poder saber o que que estavam publicando sobre ela, entende? Tipo assim, o que que essas pesquisas estão falando sobre a gente ou que tipo de informação pode prejudicar o nosso negócio, etc. Ou seja, ela descobriu que, na realidade, ela tava trabalhando pra empresa de tabaco que tava usando as traduções em benefício próprio e a pergunta era: “O que você faria? Largava o emprego ou não?” E aí isso é muito bacana, deu um debate muito legal porque a gente começou a pensar realmente em situações reais, a gente começou a pensar em coisas do tipo: “não, pera, essa situação não é legal e eu não gostaria de fazer, mas a gente tem que pensar que a gente precisa pagar conta, a gente precisa pagar aluguel e comer, etc.” Isso realmente é nos fazer pensar em uma demanda real.***

Entendendo que existia uma expectativa de exercer a tradução como carreira profissional, a reflexão sobre demandas reais parece estimular a motivação e o ânimo discente, assim como a curiosidade e desenvolvimento das subcompetências da CT

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão apresenta uma autorreflexão sobre os eventos e as experiências vividas no curso Bacharelado de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, tendo como foco pontuar as percepções e as vivências que tiveram influência positiva e negativa no desenvolvimento da minha CT. Para tal, utilizou-se como método de investigação a pesquisa-narrativa, que ainda é um método pouco utilizado nos Estudos da Tradução, apesar de ser amplamente utilizado em outros campos de investigação científica, como a área de Letras e a área da Saúde.

Dessa forma, dou início as minhas considerações enfatizando a proposta inovadora deste trabalho. Assim como os Estudos da Tradução é um campo interdisciplinar, é válido que seus meios de investigação também trafeguem pela interdisciplinaridade. Pelo uso da narrativa como material de pesquisa, investiguei a possibilidade de obter dados que ampliem o olhar sobre o desenvolvimento da CT durante a jornada acadêmica, sob o prisma das minhas percepções pessoais como estudante, resultando na análise de diversos aspectos relevantes da graduação que são percebidos como diferenciais no desenvolvimento do aprendizado e da CT.

A narrativa permitiu também trazer outras vozes, através de relatos das interações entre discentes e docente, o que permitiu que o trabalho não se tornasse a expressão de uma fala isolada, mas exprimisse uma fala coletiva que serviu de apoio para diversas considerações realizadas durante a análise.

Outro ponto relevante encontrado na narrativa foi o conjunto de percepções que possibilitaram discutir sobre aspectos e experiências anteriores à universidade e suas influências na motivação do aprendizado e na permanência no curso, assim como o papel das interações sociais que se sucederam ao longo da graduação e impactaram no desenvolvimento da CT e suas subcompetências. Destaco, especialmente, a narração de diversas ponderações que suscitaram a importância dos projetos de extensão e atividades extracurriculares na formação acadêmica, em razão de possibilitarem uma aproximação com demandas reais da área mercadológica de tradução dentro do ambiente acadêmico, o que serve de estímulo para a motivação e permanência da discente ou do discente no curso.

No entanto, diante de tantas vozes narradas que apontam constantemente a necessidade dessa aproximação, é de extrema importância compreender o papel da universidade de estimular o desenvolvimento do pensamento crítico. Ou seja, o ambiente da universidade é,

principalmente, local de reflexão. E o ato de pensar sobre as diferentes demandas apresentadas durante o curso influenciarão diretamente o fazer tradutório desta futura tradutora ou deste futuro tradutor. Sendo assim, a discussão sobre como trazer as demandas reais para dentro do curso de tradução é necessário, mas não se pode resumir a universidade a uma fábrica de práticas tradutórias, sem o suporte fundamental da reflexão sobre essas práticas.

Por este motivo, sugiro futuras discussões que investiguem caminhos que viabilizem uma aproximação da realidade acadêmica das realidades reais de tradução para além dos muros da universidade, assim como continuar aprofundando a investigação dos Estudos da Tradução pelo viés da pesquisa narrativa, levando em consideração a experiência humana e a construção de realidades subjetivas como fonte de conhecimento, sem contudo ignorar o papel do pensamento crítico como fundamental para a formação discente.

Concluo este trabalho reforçando o papel transformador que a experiência de passar pelo curso Bacharelado em Tradução teve na minha formação como profissional e como pessoa. Eu iniciei o curso com muitas expectativas e poucas certezas. O meu foco era, principalmente, profissional. Imagino que esse seja um sentimento amplamente compartilhado por ingressantes, visto que a gente vive em uma realidade que coloca o diploma universitário como item básico para qualquer pessoa que almeja uma remuneração razoável no mercado de trabalho. No entanto, o ambiente universitário superou minhas expectativas e foi muito além de me formar profissionalmente.

A experiência da graduação me exigiu reflexão, desconstrução e muito esforço. Evidentemente, não foi fácil. Mas, a verdade é que quando não há desconforto, não há crescimento. Amadurecer não é um processo agradável, mas, quando olho para trás e vejo o quanto todo esse processo me tornou uma mulher mais consciente e confiante sobre quem sou e para onde quero ir, eu não o trocaria por nada. É possível ser uma boa tradutora ou um bom tradutor sem passar pela academia, mas o contato com as propostas e desafios acadêmicos podem ser revolucionários e ponto de partida para modificar um mercado que robotiza o processo tradutório.

Entre o “penso, logo existo” vou além e afirmo que penso, logo transformo. E o que nos transforma não fica só em nós, mas está sempre transitando nas vivências que trilhamos. Ação sem reflexão traz paralisia. É preciso constantemente pensar e se repensar para movimentar nossos espaços.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONNELLY, F.M., CLANDININ, D.J. (2006) **Narrative Inquiry**. *Research Studies in Music Education*, 28, 477-485.
- CONNELLY, F.M., CLANDININ, D.J. (1990) **Stories of experience and narrative inquiry**. *Educational Research*; 19 (5), 2-14.
- DETMERING, Edilza Maria Medeiros. **Auto-reflexão sobre o desenvolvimento da competência tradutória a partir da tradução de textos técnicos de Matemática do francês para o português do Brasil**. 2018. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Tradução, Departamento de Mediações Interculturais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- DICTATION. Disponível em: <https://dictation.io/speech>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. **A manualização do saber linguístico e a constituição de uma linguagem não sexista**. *Línguas & Letras*, [S.l.], v. 17, n. 35, maio 2016. ISSN 1981-4755. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11505>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- GONÇALVES, J. L. V. R. **Pesquisando a competência tradutória – Grupo PACTE | Amparo Hurtado Albir (ed.). Researching Translation Competence by PACTE Group**. Amsterdam: John Benjamins, 2017, 401 p. (Benjamins Translation Library, 127.). *Caracol*, [S. l.], n. 14, p. 250-273, 2017. DOI: 10.11606/issn.2317-9651.v0i14p250-273. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/137342>. Acesso em: 19 nov. 2020.

- LABOV, W. **Some Further Steps in Narrative Analysis**. *Journal of Narrative and Life History*. v. 7, n. 1-4, p. 395-415. 1997. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.html#fnB1>>. Acesso em: 19 de nov. 2020
- LIPARINI, T.; LEIPNITZ, L. **Competência Tradutória: o desenvolvimento da subcompetência sobre conhecimentos em tradução**. *Domínios de Linguagem*, v. 11, n. 5, p. 1727-1745, 21 dez. 2017.
- MATTOS, A. M. DE A.; CAETANO, ÉRIKA A. **Os Sentidos da formação narrativas de professores de inglês sobre suas experiências de ensino e aprendizagem**. *Revista do GELNE*, v. 21, n. 1, p. 3-19, 13 fev. 2019.
- MOUTINHO, Karina e Conti, Luciane De **Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade**. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 2016, vol.32, no.2. ISSN 0102-3772
- OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. **As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria**. *Pedagogia em Ação*, PUC-MG, v. 6, p. 3-21, 2014.
- PACTE. **Building a translation competence model**. Em: Alves, Fabio (ed.). *Triangulating translation: perspectives in process-oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, 43-66.
- PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. **A pesquisa narrativa: Uma introdução**. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v.8.n. 2. 2008.
- RIESSMAN, C. K., 1993. **Narrative Analysis**. Newbury Park: Sage Publications.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 40/2016 – Disponível em: <[https://sigrh.ufpb.br/sigrh/public/colegiados/filtro\\_busca.jsf;jsessionid=AA6C29812DC10F736FDD72BB0D8307A7.jboss-b](https://sigrh.ufpb.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf;jsessionid=AA6C29812DC10F736FDD72BB0D8307A7.jboss-b)>. Acesso em: 19 de nov. 2020

- VB-AUDIO VOICEMEETER. Disponível em: <https://vb-audio.com/Voicemeeter/>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- VOICE SPICE RECORDER. Disponível em: <https://voicespice.com/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

**ANEXOS**

## ANEXO I – Fluxograma do Curso de Bacharelado em Tradução – Resolução Consepe

40/2016

	1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Conteúdo Básico Profissional Obrigatório	Língua Estrangeira Aplicada à Tradução I*	Língua Estrangeira Aplicada à Tradução II*	Língua Estrangeira Aplicada à Tradução III*	Língua Estrangeira Aplicada à Tradução IV*	Língua Estrangeira Aplicada à Tradução V*	Estudos comparados em tradução	Análise Crítica da Tradução	
		Leitura e Produção de Texto I	Leitura e Produção de Texto II	Prática de Leitura e Produção de Textos em Língua Estrangeira*				
		TIC e Documentação	Tradução e Cultura I					
			Estudos de Corpora na Tradução					
		Estágio Supervisionado I: introdução à prática profissional	Estágio Supervisionado II: prática de tradução em textos técnicos	Estágio Supervisionado III: prática de tradução em textos jurídicos	Estágio Supervisionado IV: prática de tradução em mídia impressa e virtual	Estágio Supervisionado V: prática de tradução em textos literários	Estágio Supervisionado VI: prática de revisão de textos traduzidos	Estágio supervisionado VII
Conteúdo Complementar Obrigatório	Aspectos Textuais da Tradução I			Introdução aos Estudos de Tradução Literária	Teoria literária aplicada aos estudos da tradução			
	Metodologia do Trabalho Científico			Pesquisa aplicada aos estudos da tradução				
	Teorias da Tradução I	Teorias da Tradução II						
	Léxico e Dicionários							
							TCC 1	TCC 2
Conteúdo optativo					Optativ a 1	Optativ a 3	Optativ a 5	Optativ a 6
					Optativ a 2	Optativ a 4		
Conteúdo Flexível					Tópicos Especiais em Tradução I	Tópicos Especiais em Tradução II	Tópicos Especiais em Tradução III	
Número de créditos	20	20	20	20	24	20	21	12
Carga Horária	300	300	300	300	360	300	315	180
<p>* O curso oferece a possibilidade de formação de tradução em um dos quatro idiomas: alemão, espanhol, francês ou inglês. Esta formação é realizada pela concentração de oferta de disciplinas obrigatórias específicas do respectivo idioma. Caberá ao Colegiado do Curso, a cada entrada, a definição do idioma de formação.</p> <p>* O componente Curricular Estudos Étnico-Raciais é trabalhado transversalmente e equivale a 45 créditos.</p>								

## ANEXO II – TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução.

**Eu, SUÉLLEN SULAMITA GENTIL DE OLIVEIRA, portadora do R.G. 8.172.796** na qualidade de aluna da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:

- O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;
- O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto **PLÁGIO**, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
- As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;
- Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como as longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;
- Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

**O Professor responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.**

João Pessoa, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

---

Suellen Sulamita Gentil de Oliveira

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Transcrição dos áudios

Essa seção disponibiliza a transcrição integral dos áudios narrativos que serviram de fonte para a análise desta pesquisa.

### Áudio I

Ok, vamos lá! Esse é o áudio para minha pesquisa narrativa sobre a minha formação tradutória, tendo como foco elementos que contribuíram ou não contribuíram para minha competência tradutória. Eu tô com meu histórico aberto e as competências tradutórias também para eu ver se não esqueço de nada. Bom, vamos lá. Como eu fui orientada, é para mandar um áudio bem livre, como se eu tivesse sendo entrevistada, falando com um amigo ou uma amiga, então vou começar. A minha formação tradutória. O curso de tradução, pra começar, eu o escolhi porque já era minha terceira graduação, já fazia um tempo que eu tava pensando em fazer uma graduação, só que eu já tinha entrado em duas faculdades e não tinha concluído nenhuma das duas. Uma foi Psicologia, que eu fiz até o 5º semestre e a outra foi Comunicação Das Artes Do Corpo, que é basicamente o curso da PUC de São Paulo que envolve teatro, dança e performance. Então, você entra no curso e escolhe uma das três especializações. No caso, eu tava fazendo dança, mas eu fiz um semestre. Um semestre não, desculpa, eu fiz um ano e alguns meses do outro semestre e também não continuei. Então, a minha terceira graduação, eu demorei um bom tempo pra escolher, na verdade, eu acho que passei alguns, sei lá, acho que 5 ou 6 anos para poder escolher porque se fosse para entrar na faculdade uma terceira vez, eu queria entrar para terminar. E o motivo de eu tá dizendo isso é porque essa determinação foi muito importante para que eu seguisse até o fim, mesmo eu tendo me identificado demais com o curso e mesmo querendo muito me formar para exercer a profissão, mas isso influenciou. Porque, quando eu me mudei para João Pessoa, eu não me mudei exatamente por causa do curso, mas eu já sabia que tinha Federal aqui e eu já sabia que tinha o curso de tradução. Já tinha olhado e eu já tinha me interessado. Eu entrei no site do curso, eu li sobre o curso, eu tinha um interesse grande porque eu tava informalmente realizando algumas traduções antes de saber que o curso existia. Tradução para mim surgiu, na verdade, como uma forma bem inesperada, eu tava começando entrar em contato com a cultura coreana, então eu tava começando a ouvir músicas e a entender um pouco mais sobre a cultura, sobre como funcionava o país e eu comecei a me interessar muito pela língua coreana. E aí como eu comecei a me interessar pela língua coreana, eu comecei a tentar aprender a língua e comecei a me envolver com alguns grupos que faziam legendagem de conteúdo coreano, só que esses grupos eles legendavam do inglês para o português, que é uma língua que eu acreditava que dominava. Descobri na faculdade que não.

Aí, eu entrei em fansub que fazia legendagem de vídeos de conteúdo coreano e eu comecei a legendar, eu cheguei a legendar uns dois vídeos pra esse grupo, do inglês-português, e eu comecei a gostar disso, e foi um período que eu tava tentando trabalhar com maquiagem de maneira freelancer e veio a legendagem, eu realmente gostei muito de realizar as traduções e as legendagem e aí eu comecei a falar com alguns amigos e alguns amigos meus começaram a me indicar, aí uma pessoa se interessou que eu fizesse a tradução do resumo de um artigo dela. Eu acho que o resumo de um TCC do português para o inglês, então eu fiz e aí que eu comecei a pensar se existe algo voltado para isso. E aí eu lembrava que a única informação que eu tinha era que você podia fazer o curso de letras e se especializar em tradução, mas eu não interessava pelo curso de letras, não por não achar o curso interessante, mas por achar que ele era amplo demais pra o meu objetivo. Eu ia ter que lidar com muitas coisas que não eram do meu interesse, que fugiam exatamente desse propósito – porque o meu interesse era a tradução - para poder chegar na tradução. E aí foi quando eu comecei a pesquisar e descobri que aqui, coincidentemente, tinha um curso de tradução. Então, como eu disse, eu me mudei para cidade não foi exatamente por causa do curso, mas coincidentemente uma coisa junto na outra eu pensei: vou tentar. Aí eu já tinha feito o Enem só realmente foi um ano que eu fiz para me testar mesmo e eu pensei: vou ver se a nota é suficiente para eu passar no curso. Aí, eu me inscrevi no Sisu, quando eu me inscrevi no Sisu eu já estava aqui em João Pessoa e eu passei no curso de tradução, foi aí que eu entrei na faculdade. E por que que eu digo que a minha determinação foi importante? Porque com um mês, eu tava aqui na cidade na verdade por conta porque eu estava em um relacionamento e mais ou menos com um mês que eu já tinha entrado na faculdade que o curso tinha começado, um mês e meio mais ou menos, eu terminei esse relacionamento. E aí o meu primeiro impulso, na verdade, meu primeiro pensamento quando eu terminei esse relacionamento foi pensar em voltar para minha cidade. Fazia todo sentido porque eu estava aqui em João Pessoa somente há 5 meses e eu não conhecia ninguém, fora a pessoa que estava me relacionando aí algumas pessoas que eu conheci por conta dela mas, fora isso eu não tinha ninguém que eu conhecesse intimamente, que fosse realmente muito próximo, que fosse alguém que eu pudesse chamar de amigo ou amiga, nenhum familiar apesar de não ser a primeira vez que eu morava numa cidade estranha era a primeira vez que eu tava numa cidade sem ninguém que eu tivesse algum tipo de vínculo próximo. Então, meu primeiro pensamento foi em voltar para onde eu morava, que era Olinda, só que aí a faculdade pesou porque eu realmente estava muito animada com esse curso porque eu, além de parecer que eu ia realmente gostar, me identificar demais com essa questão de traduzir é... uma possibilidade de carreira que sempre me interessou e que a tradução iria permitir era ser freelancer. Era

trabalhar pra mim, era trabalhar em casa e que, como eu disse, era uma coisa que eu já estava tentando só que eu estava envolvida com maquiagem – porque eu trabalhei mais de seis anos na área de beleza - tava dando certo inclusive, e quando eu vim para João Pessoa eu não continuei isso porque eu precisava de emprego para ontem então eu voltei para o shopping e aí quando eu passei no curso eu pensei: poxa, eu posso tentar trabalhar com isso trabalhar para mim com tradução, pode dar certo. Então, foi aí que, apesar de tudo que tava acontecendo, a faculdade falou mais alto e eu decidi ficar na cidade, por conta do curso. Então, até hoje eu digo para todo mundo que não foi o curso que me trouxe para João Pessoa, mas foi o curso que me fez ficar. E aí eu comecei o curso e quando eu entrei o que que eu pensei que era tradução? Eu achava que era você passar um texto de uma língua para outra, você passar uma informação, mas vamos falar assim né, porque eu tinha essa consciência, você passar uma informação de uma língua para outra. Eu conseguia compreender que envolvia elementos culturais. Isso eu acho muito interessante porque mesmo antes da faculdade eu já conseguia ter um pouquinho de noção, mesmo sem entender o que eu tava fazendo, entender o nome, de escolhas tradutórias. Eu nunca fui tão na literalidade, eu sempre procurava entender um pouquinho do contexto para ver qual palavra que se encaixava melhor. Mas, ainda assim era uma ideia muito superficial. Então eu achava que era isso: você entender alguns elementos culturais para passar aquela informação de uma cultura para outra, hoje praticamente concluído o curso entendo que é muito mais do que isso, eu consigo compreender que você precisa realmente se envolver na cultura fonte com a qual você está trabalhando e na cultura de chegada por que a relação entre língua e sociedade você não tem como separar não tem como separar a época dessa informação que você tá trabalhando o local o momento contexto sabe os discursos que envolvem aquela informação e o propósito para o qual está fazendo. Isso foi algo muito importante que aprendi na faculdade. E que veio com as teorias tradutórias. Eu tenho certeza que as teorias foram fundamentais para a minha formação porque não tem como, sem você ter acesso às teorias, aos estudos já feitos e aos propósitos dessas teorias, o que que elas estavam trabalhando, estudando, tentando analisar do ofício tradutório para auxiliar os tradutores e tradutoras a fazer tal coisa porque, por exemplo, as teorias funcionalistas, que falam sobre a importância de você fazer um projeto tradutório, você pensar em pra quem você tá fazendo, em qual meio vai ser veiculado, o que que você quer passar, você pensar no seu projeto tradutório, isso só vem com as teorias; Ah, eu posso chegar e falar assim assim assim, ah isso vai te ajudar, mas quando você lê a teoria e de onde isso partiu e aonde isso quis chegar ajuda você entender a importância e o propósito daquilo, e não simplesmente você engolir como uma receita de bolo, sabe? como uma cartilha. Eu sinto muito isso porque as teorias são meio polêmicas na formação tradutória e muita gente

pensa que é isso que você traduzir é você ter uma receita de bolo, alguém que vai ensinar uma receita de bolo e você deve apenas praticar, mas é como se as pessoas quisessem apenas uma cartilha simples, tipo faça isso, isso e isso e sua tradução vai dar certo e agora pratique, pratique e pratique. Mas, não é. A tradução em si, eu consigo entender hoje, existem ferramentas que te auxiliam, existem estudos nos quais você pode se fundamentar, mas justamente são processos que vão te auxiliar a você encontrar um caminho próprio. A tradução é um processo também muito pessoal, você vai encontrar a melhor forma de trabalhar sua tradução e a sua forma de trabalhar sua tradução pode não ser a mesma forma de uma outra tradutora ou tradutor. Isso não significa que está errado. Significa que pra uma pessoa é melhor de uma forma pra outra pessoa é melhor de outra. Como é que você vai encontrar o seu próprio meio, o seu próprio caminho dentro desse ofício se você desconhece aonde você pode ser fundamental ou o que você pode utilizar? Então, só por aí, pra mim, a faculdade influencia demais no desenvolvimento de uma competência tradutória. Eu sei que existem tradutores e tradutoras que não fazem curso, não acho que isso invalida o trabalho deles e delas, mas eu acredito que o curso é fundamental para aprimorar essa competência e acho que qualquer um que não tem curso e passasse pela experiência, perceberia isso. Até mesmo eu lembro de relatos de alunos dizendo que trabalhavam com isso antes do curso e depois do curso continuavam trabalhando com isso durante e depois do curso e que várias pessoas viraram para dizer que percebiam a diferença na tradução de antes do curso e durante e depois do curso. Então, influencia bastante. Então, eu acredito que as teorias são essenciais para o desenvolvimento da competência tradutória, provavelmente a subcompetência estratégica talvez seja uma das principais, você planejar sua tradução, você entender o que vai fazer, o que você vai pesquisar. o que você precisa buscar, o que que você precisa aprender para você poder desempenhar uma boa tradução. Outra disciplina essencial com certeza é a, eu vou falar “tique”, mas eu sei que isso é polêmico porque tem gente que fala sei lá, t.i.c, enfim... é a disciplina que a gente aprende a usar ferramentas mesmo, como a gente aprende a usar melhor o Word, etc. Tem também outra disciplina onde a gente aprende a usar as ferramentas de tradução, né, as Catools e isso é essencial porque facilita, né? Você descobre que existem ferramentas que podem facilitar o seu trabalho, você ir além do, sei lá, dividir o Word em duas telas e olhar o texto fonte de um lado e no outro você ficar digitando o texto de chegada. Esse processo tá errado? Não tá errado. Mas pode ser feito de uma maneira melhor e mais fácil? Pode. E para isso servem as Catools e você também começa, você aprende que existem outras ferramentas, online e físicas também, como dicionários e tal, como a disciplina de léxicos e ensina a importância de dicionários que você aprende a pensar criticamente também sobre o uso deles isso é importante porque existem ferramentas polêmicas

como os tradutores automáticos que tem gente que pensa que não se pode usar de jeito nenhum porque você vai tá trapaceando desqualificando sua produção e tal mas você aprende que você pode usá-los de maneira crítica. Você não vai usá-los para eles fazerem a tradução por você, até mesmo porque a gente aprende que eles não são capazes. Você aprende que eles podem servir de auxílio em um caso ou outro e que tudo bem, né? Você aprende a usar sabiamente essas ferramentas e, quando você entende isso, quando você reflete sobre isso, quando você pratica isso, aí realmente o seu trabalho flui com mais facilidade, porque, por exemplo, às vezes existe uma palavra que tá entroncada e aí você usa uma ferramenta online que lhe dá uma sugestão que você pensa: nossa não pensei isso, e isso pode auxiliar na sua tradução e tal. Ah, e os concordanciadores são essenciais porque ajuda muito a gente a entender que tipo de palavra é mais adequado para determinado contexto naquele contexto ocorre... porque né a gente não tem uma escolha tradutória, uma palavra de diversos caminhos, então dentro do que você tá fazendo, dentro do seu projeto, qual é o melhor? Eles podem ajudar... enfim, então essas disciplinas que ensinam a gente a usar as ferramentas físicas e onlines na prática, que pode ajudar. Eu acho que só porque são disciplinas que meio que já vão treinando você para um universo de mercado de trabalho real. Um universo onde você já esteja realmente trabalhando profissionalmente com isso existe um gap, uma distância entre universo acadêmico e universo mercadológico, lamentavelmente. Não é culpa da academia, enfim não sei se seria culpa do mercado também, mas a gente sabe que infelizmente são realidades um pouco distantes. Então tudo o que permite ao aluno ter um pouco de contato, ou aluna, ter um pouco de contato com a realidade auxilia ainda mais na nossa formação e na nossa competência tradutória de como você se preparar, como você se planeja, como você cumpre determinadas responsabilidades, né? Então, esse tipo de disciplina ajuda muito. E as disciplinas práticas, elas para mim, elas foram essenciais no que se diz respeito a essas competências fisiológicas como a motivação, a animação, a determinação. Acho que esse é o grande charme que atrai muita gente e acabam esquecendo a importância da teoria, se sentir um tradutor ou tradutora de fato e você está em um ambiente seguro onde você pode errar. Então, as disciplinas práticas permitem que você faça uma tradução e tenha dúvidas né? Não fica com medo de entregar algo que você não tem certeza porque ali você tá no espaço que você pode errar e que alguém vai te ajudar e que alguém vai te auxiliar, ao contrário do mercado de trabalho que você não tem um espaço tão seguro assim, eles pressupõe que você já saiba o que está fazendo e, dependendo do quanto você não demonstra sua competência você pode perder uma oportunidade você pode perder o emprego e enfim. Então as disciplinas... Ah, sim! E o fato das disciplina envolverem diferentes setores como textos técnicos, jurídicos, mídias digitais e literários, é essencial porque a gente

começa a experimentar as diferentes possibilidades de trabalho que a gente tem e a gente começa a descobrir o que tem mais afinidade e isso é muito animador porque aí que você descobre se você tá querendo isso para sua vida. Então, como eu disse, eu acho as teorias essenciais, mas isso não invalida a extrema importância da prática, com toda certeza, porque aí você começa a descobrir se é isso mesmo, se você se identifica com isso, você tá vendo as possibilidades, você tá vendo o que é que você vai fazer. É... o fato de você ter atividades para a casa e você ter prazos a cumprir... não vou dizer que eu fui uma pessoa muito exemplar nesse sentido, mas, ainda sim, eu aprendi que eu precisava lidar com isso porque eu queria muito trabalhar com isso e aí você aprende desde o começo que uma coisa essencial nesse trabalho é cumprir prazos. Então, por mais que a gente tá nesse universo estudantil e a gente tenha diversos motivos para justificar porque em algumas vezes ou várias vezes a gente não tem um bom desempenho, seja porque a gente tem uma vida externa - eu trabalhava, né, até pouco tempo atrás, inclusive - então sempre foi muito difícil conseguir fazer tudo 100% gradativamente assim as coisas foram meio que piorando, mas ainda assim, a partir do momento que você começa a se identificar e entender que você quer se formar nisso, as disciplinas práticas te ajudam a visualizar um futuro com isso e você começa a entender o que que você precisa melhorar dentro de você para que isso aconteça e por mais que não vai acontecer do dia para noite, mas é um processo e você vai atrás disso, então as disciplinas práticas são importantes para isso, as atividades para casa com prazos são importantes, você ensinar uma pessoa que está se formando para ser tradutor ou tradutora a lidar com prazos é importantíssimo. Então eu me sentia muito motivada com esse tipo de atividade muito e muito frustrada quando eu não conseguia fazer, mas eu não me sentia frustrada em relação ao curso ou em relação ao meu desenvolvimento. Eu me sentia frustrada porque eu sabia que isso era importante para o que eu tava fazendo e não cumprir não era algo positivo, então que eu precisava trabalhar nisso. Mas, entende, tipo, eu me sentia motivada a trabalhar nisso. Então, eu acredito que foi importante. Deixa que ver o que mais... Tá, veja, eu não sei muito como explicar isso, mas existem algumas disciplinas que, como é que eu posso dizer, o método de ensino do professor ou da professora também influencia na nossa motivação, na minha, especificamente, né? Às vezes, eu falo nós ou para nós porque eu sei que várias pessoas passaram por isso também, mas voltando o foco para mim, existem algumas disciplinas - foram poucas - mas tiveram algumas disciplinas que eu estava muito motivada para fazer. Eram disciplinas que me pareciam extremamente interessantes e importantes para minha formação, no entanto, eu não consegui me relacionar, me motivar com o método que a disciplina estava sendo passada e, conseqüentemente, eu não consegui me animar para fazer nada na disciplina, o pouco que eu fiz foi na obrigação e meu desempenho não foi bom e o motivo disso

foi porque eu não consegui me envolver com a metodologia do ensino daquela disciplina e um dos motivos disso porque parecia que o docente ou a docente que estava passando disciplina estava tão desmotivada quanto a ensinar, que foi meio que dada de bolo e era uma disciplina densa, era uma disciplina que envolvia muita leitura, que envolvia escrita, não era uma disciplina fácil. É isso que eu quero dizer. Não era uma disciplina fácil, mas era importante. Só que ela não foi passada de uma maneira motivadora e não foi pensado de nada muito diferente, é como se a disciplina inteira tivesse um tom só, sabe? Ela foi bem um tom mesmo e aí eu não consegui me envolver e meu desempenho não foi bom. E aí isso influenciou em uma das minhas competências que seria a especialização que você tem que ter na língua, né? A subcompetência bilíngue, certo? Porque a gente precisa ter o máximo que gente pode de domínio da língua, e eu sinto que eu tenho uma certa deficiência que eu tô correndo atrás por conta de algumas disciplinas que eu não consegui aproveitar muito bem por não ter conseguido me envolver com o método de ensino e aí eu não fiquei motivada, então já era difícil chegar em casa cansada, porque eu chegava em casa mais de 10 horas da noite então saía de faculdade de manhã, saía direto para o trabalho, muitas vezes sem almoçar, então me alimentava mal e aí eu chegava em casa cansada e tal e ainda ter que fazer uma atividade de uma disciplina que eu não tava nem um pouco animada, então não foi muito fácil. Mas, assim, claro que eu não tô procurando culpados nem culpadas, eu só acho que metodologia do docente ou da docente que está ali na frente também influencia na nossa motivação, na minha motivação, especialmente. A minha motivação e determinação de estar ali. Porque, por exemplo, até isso já é um outro ponto que eu queria falar também mas essa flexibilidade do docente da docente perceber que tem um aluno uma aluna que tá tendo dificuldade com alguma coisa e de você tentar fazer algo diferente para ver se o quadro muda. Isso acontece de fato, eu acho que isso é um ponto muito positivo que houve na minha formação. Eu tenho plena ciência que eu cheguei até onde cheguei no curso porque envolveu muita flexibilidade dos docentes de compreender o momento que eu estava passando por uma situação difícil e dar uma esticada no prazo para mim. Algumas atividades incompletas que deu para levar uma nota que eu pudesse passar porque eu explicava que tava passando por um período complicado e não tava conseguindo cumprir algumas tarefas. Eu sei que isso não foi só um privilégio meu, que outras pessoas também tiveram essa oportunidade. Então essa flexibilidade também é essencial porque muitas vezes essa motivação e determinação e ânimo de permanecer se formando e de permanecer desenvolvendo a sua competência tradutória existem diversos fatores extra acadêmicos que influenciam. Nem sempre a pessoa está desmotivada por que ela não tá gostando do que ela tá fazendo ali dentro Mas por que tem alguns fatores externos que envolvem então eu acho importante observar esses

casos e eu acho importante quando o docente ou a docente tenta chegar junto, entender o que tá acontecendo e ver como pode ajudar, essa postura é muito melhor do que aquela estrita de você sabe o que tem que fazer e você não fez, paciência, arque com as consequências. Porque isso todo mundo ali é adulta e adulto e já faz. A gente já sabe que tem que arcar com as consequências, mas nem sempre esse tipo de postura contribui com nenhuma das partes. Então é isso eu acho que o resumo da ópera é que a postura, flexibilidade e metodologia do professor ou da professora contribui demais para o nosso ânimo, motivação e determinação dentro da nossa formação tradutória. Uma das coisas que eu acho que talvez tenha sido um pouco complexo para minha formação é... mas eu não sei até que ponto isso é um problema meu, é um problema de metodologia da grade do curso, mas, durante algumas disciplinas que tinha como atividade fazer artigos acadêmicos. Qual é a questão com artigos? Eles, principalmente para quando a gente é estudante - salvo algumas pessoas - eles são textos que são maiores, são complexos, envolvem mais pesquisa e o que que aconteceu comigo: eu descobri que eu gosto muito de artigo, mas ao mesmo tempo, principalmente porque eu trabalhava, eu tinha uma extrema dificuldade de fazer artigo. Como é que eu posso explicar? Sabe aqueles escritores que falam assim: “escrever é meu prazer e minha dor” tipo eu amo escrever, mas é um grande sofrimento escrever, essa dualidade, era mais ou menos isso. Na minha cabeça, quando tinha uma atividade envolvendo artigos, eu já sabia exatamente o que eu ia fazer, o que eu ia pesquisar, eu já tinha o texto inteiro na minha cabeça, ele ia ficar lindo, mas na hora de sentar no computador e colocar no papel, era uma luta. Escrever um parágrafo era uma luta, escrever dois era uma luta, eu sabia que depois de uma página, a coisa ia melhorar mas até só uma página sair era um sacrifício e assim foram várias as atividades que envolveram – não várias - mas tipo assim, acho que teve uns uns cinco artigos como atividade. Eu lembro que eu fiz o primeiro bem, inteiro, que até hoje é um artigo que eu queria desenvolver porque eu fui muito elogiada por ele. Foi na disciplina de léxicos, só que eu fiz ele em uma madrugada, das 10 horas da noite até às 8 horas da manhã eu lembro que eu faltei a aula – faltei? - não, eu acho que eu cheguei atrasada porque justamente no dia da aula era o dia da entrega e eu fiquei fazendo até terminar, e aí quando eu terminei que eu enviei para o e-mail da professora e fui para sala, foi isso. Eu levei o notebook para faculdade pra terminar que eu tava das 10 horas da noite - 10 horas não, porque eu trabalhava no shopping ainda. acho que foi da 00h até às 8 horas da manhã. Eu fiz uma madrugada assim correndo, louca, nem sei como saiu, mas saiu. Muita coisa minha foi assim, nem sei como saiu, mas saiu. E eu entreguei e eu lembro que eu tirei 10 e eu fui muito elogiada por esse artigo e aí eu lembro que eu fiquei assim, super motivada, assim tipo, eu falei com professora bem como estudante do começo de curso, né? Ah, isso é importante: a gente

entra muito motivado, manter essa motivação que é o desafio. Eu lembro que eu falei: “Ah, você acha que seria interessante eu desenvolver para tentar publicar” e ela deu a maior força assim e tal, e até hoje ele está intocado, assim como diversos outros que eu queria terminar de desenvolver e estão intocados porque é muito difícil, mas é... onde é que eu quero chegar com isso? eu não sei exatamente até que ponto isso contribuiu com a minha competência tradutória, entende? Eu acho que o fato de você ter que pesquisar sobre algo, porque artigo envolve muito pesquisa, sim; influencia na sua competência de conhecimento de mundo que você tem que ter, influencia na sua competência estratégica, aumenta a sua competência bilíngue, então claro, é uma atividade útil? Tô pensando até agora assim: é, é uma atividade útil, mas para nossa realidade de estudante brasileiro que muitas vezes trabalha que não tem uma saúde mental decente que tem diversos fatores externos, sabe? influenciando ali, sabe? Você muitas vezes está ali à força... à força assim, tipo, tem diversas outras coisas que você tem que resolver, você para tudo para estar ali, naquele momento, na academia, estudando, se dedicando e tal, tudo isso já é tão difícil para ainda você parar e fazer um artigo bom e satisfatório e aí você chega em outra disciplina e você tem que fazer outro artigo, eu particularmente não acho uma atividade ruim, entendo a importância dela, mas eu não sei até que ponto ela contribuiu para nossa motivação e determinação e ânimo dentro do curso, porque não foi só comigo, acho que é por isso que eu tô falando, isso não foi só comigo tipo assim eu vi tanta gente desesperada quando a atividade era fazer artigo porque não conseguia, achava um saco, não tinha tempo, sabe? Não sabia o que ia fazer, não sabia o que ia entregar, não sabia como começar a escrever, então... mas os prazos eram justos, sabe? Era até razoável... - não vou dizer que era até razoáveis não porque é cruel – foram bem justo, mas ainda assim, era muito difícil, então, eu não sei, talvez, se fosse talvez 1, no máximo 1 por semestre em uma disciplina porque eu entendo a importância da gente praticar isso até mesmo porque vem o TCC por aí, né? Então, não sei, eu ia falar que eu achava que não contribuía tanto, sabe? Mas, enquanto eu tô contando isso eu tô vendo que é importante... eu acho que é importante. Não sei e vai ficar confuso assim mesmo. É isso, artigo é isso. É importante, mas é difícil. Que mais? vejamos... Uma das coisas que foi fundamental para todas as minhas competências tradutórias, tudo, tudo que tá aqui, a bilíngue, a extralinguística, o nosso conhecimento de mundo, a estratégica, a instrumental, o conhecimento de elementos tradutórios e os psicofisiológicos, todos, todos, todos mesmo, assim, fundamental, foi ter participado de projetos de extensão, o que eu sempre chamei de estágio, porque até hoje toda vez eu falo “eu vou para reunião de estágio” é quando eu vou para a reunião do projeto de extensão, isso foi essencial! Assim, é... eu sei que o Extrad não existe mais porque fugiu do formato de extensão, não era o propósito e tal, eu sei que é difícil formar

alunos para formar a famosa empresa júnior, que era o que seria ideal, mas é isso, sabe? Você passar por um processo fora desse mundo de ir para faculdade, para sala de aula, voltar para sua casa, estudar, fazer sua atividade de casa, vai pra faculdade, vai pra sala de aula, volta para sua casa, estuda... você sai dessa realidade e entra nesse ambiente em que você vai ter que lidar com prazos reais, clientes reais, feedbacks, revisão, lidar com prazos, lidar com frustração por ter perdido (prazo), se justificar, receber as críticas, receber sermões, entender, internalizar, trabalhar em cima de você, vê se é isso mesmo que você quer, o que você pode melhorar para atingir tal coisa, projetos que estão fora daquele ambiente da sala de aula, sabe? Me jogar fora disso, isso amadureceu a minha formação que eu não sei nem dizer em que escala, assim, porque a gente entra meio arrogante, sabe? A gente pensa que a gente tá na sala de aula, estudando, que a gente já tá super tampa nas coisas, mas aí, é justamente isso, você entra com essa realidade e você percebe que tem tanta coisa que você pode melhorar, você entra em contato com tantas vertentes, com tantas variáveis que você precisa ajustar, porque você não tinha que lidar com essa pressão antes, porque existe um conforto dentro da sala de aula também, né? Existe uma situação confortável, uma situação que por mais que a gente fique chateada e frustrada por não conseguir cumprir tal coisa mas você entende que não deu, que você fez o melhor que pode naquele momento e que você não vai deixar de se formar por isso, a não ser que seja algo muito drástico que fez você reprovar e você corre risco de repente de reprovar de novo, e tal, você não vai deixar de formar por isso, você não é um número, né? A gente começa a entender, apesar de isso mexer muito com a nossa cabeça e com a saúde mental do estudante, você entende que você não é número. Eu entendi isso. Então, eu não sei porque eu fico falando você ao invés de eu, né? Enfim, Freud explica. Vou pensar sobre isso depois, mas eu entendi isso, eu entendi que eu não era um número, eu sempre tento trabalhar dessa forma porque, né? Culpar, a gente se culpa bastante com muita coisa, então existe um certo conforto de você não se desesperar com certas coisas porque você entende que sua formação não vai acabar ali. Quando você entra no ambiente de projeto de extensão, aí você começa a encarar as coisas com um nível de responsabilidade muito maior, começa a tentar se programar melhor, a se planejar melhor, a compreender melhor como é que você realiza os seus processos e se não está funcionando como é que você pode melhorar porque... é seriedade, sabe? Você começa a ver sua formação com mais seriedade, e ali você se testa, e aí quando você vai fazendo e tendo os feedbacks, independentemente de você receber críticas e falar: “ó, tal, tal, tem que melhorar...” mas você também começa a receber tipo: “isso tá ótimo, ficou bom, o cliente aceitou, deu certo, ficou ótimo, excelente...” começa a lhe dar uma confiança, sabe, tipo, é isso. Você começa finalmente a construir, você sai desse universo estudantil que a gente se esconde, sabe? A gente mascara

essa nossa insegurança nisso, tipo, “ah eu sou só estudante, então tudo bem” e aí você começa a sair disso e você começa a criar e falar “não, agora eu sou uma semi-tradutora, não, agora eu já sou tradutora” porque aí você já vai pensando em outras coisas que você pode fazer se tenta organizar seu tempo para se envolver com tal coisa, então, isso foi essencial para mim para eu me jogar de vez na tradução, entender que era isso que eu queria a ponto de eu largar meu emprego porque eu quero usar esse tempo que eu tenho com um certo sustento para trabalhar na minha área, então eu arrisquei porque eu quero trabalhar na minha área e com o meu emprego eu não tava conseguindo me envolver 100% - acho que não conseguia nem 50% - porque é muito difícil quando você trabalha fora. O universo corporativo, especialmente de empresa privada, suga você e você ter que pensar e se dedicar a outra coisa é muito difícil, então eu larguei e a minha motivação e o meu ânimo com a minha formação e com as perspectivas que ela me abriu foram tanta, que eu larguei. E claro que eu não estava fazendo nenhuma loucura, eu estava ciente do que estava fazendo... vou procurar algo na minha área e se eu não conseguir, eu vou ter que voltar para o mercado formal porque a gente precisa pagar aluguel e a gente precisa comer, mas eu vou tentar e mesmo que eu precise voltar isso não significa que eu vou desistir porque eu realmente encontrei algo que eu gosto muito de fazer, que é muito prazeroso, que...por mais que eu tenha esses horários meio loucos, infelizmente, eu tô tentando mudar isso, tá sendo muito difícil mas eu sou uma pessoa que desde anos e anos e anos eu sou muito produtiva à noite, desde a minha primeira faculdade que isso começou a acontecer porque eu trabalhava, eu trabalho desde 17 anos, então desde a minha primeira faculdade que eu trabalho então sempre minha vida foi chegar em casa à noite para fazer as coisas da faculdade, então eu sempre fui muito produtiva à noite, então mesmo com esses horários meio loucos e tal mas, com tradução, quando eu precisava virar a noite para traduzir nunca foi cansativo, nunca foi uma coisa difícil, quando era para atividade de pergunta e resposta, coisas que não contribuíam com a formação mas que não era, sei lá, exercícios de inglês, ou seja, que não era exatamente tradução, aí sim eu até posso dizer que foi difícil, às vezes eu dormia em cima do notebook, dava sono, mas com tradução, não. Nunca foi difícil, nunca foi chato. Sempre foi uma coisa que tipo, aí, vou ter que passar a madrugada acordada mas pelo menos eu vou fazer algo que eu gosto, sempre é isso. Eu fico até 6 da manhã em claro, quando eu termino, eu tô morta. um bagaço. Eu caio na cama, não sei mais nem quem eu sou, vontade de dormir três dias direto, mas enquanto eu tô fazendo não é desconfortável, mesmo as condições não sendo tão adequadas.

## Áudio II

Eu voltei. Eu prometo que eu vou tentar não ser tão longa mas é porque eu lembrei de uma coisa que eu queria falar e eu esqueci: a questão da Língua, porque quando eu falei que a gente entra um pouco arrogante na faculdade e a gente vai quebrando a cara e entendendo que aquele verdade de Aristóteles que “só sei que nada sei” - acho que foi ele que falou isso – é bem isso. Como eu disse eu achava que dominava o inglês, né? Antes de entrar na faculdade. Porque eu tava fazendo tradução para alguns fansubs e eu peguei essa tradução paga que, nossa, na época, se algum tradutor ou tradutora me conhecesse, me matava, porque eu cobrei r\$ 30. Na verdade, eu não queria ter cobrado nada. Eu lembro que eu falei com um amigo que foi uma amiga de um amigo meu e eu lembro que ele pegou e eu falei assim: não migo, mas eu não sou tradutora mesmo, nem nada, eu não vou cobrar não. Aí ele fez assim “não! cobre, porque ela está querendo pagar e é alguma coisa que você ganha. Querendo ou não, é um trabalho que você vai fazer. Cobra alguma coisa.” e eu “Ah, tá bom. vou cobrar r\$ 30. O que você acha?” Eu tenho uma consciência agora de que isso é um absurdo. Enfim, aí ele: “ah, tá ótimo”. Aí eu fiz a tradução de um resumo do português para o para inglês por R\$ 30 antes de entrar na faculdade. Pronto, uma das coisas que a gente aprende na faculdade é que tem que valorizar o seu trabalho, então, você precisa cobrar por ele e tudo bem. E, especialmente, porque as pessoas pensam que você tem que fazer isso de graça. Então as pessoas precisam aprender a respeitar a sua profissão. É, eu não sei muito bem que subcompetência isso está inserido. deve ser de maturidade pessoal, mas a gente aprende isso. Você aprende de verdade que o trabalho tradutório tem um valor enorme em é uma coisa que a gente não tem consciência. Só o fato de você não parar para pensar conscientemente que quando você tá lendo um livro, você tá lendo a tradução daquele livro. Já começa por aí, sabe? como a invisibilidade de tradutores, assim, é algo super real e como é importante que a gente como futuros tradutores e tradutoras contribua para que essa invisibilidade acabe. E a gente aprende de que forma a gente pode fazer isso e isso é extremamente importante. Deve ser naquela competência lá de conhecimentos tradutórios que se encaixa, mas não era isso eu queria falar, não. O que eu queria falar era que eu entrei na faculdade, né? Aí eu pensei assim: Nossa, tá tudo bem, né? Porque eu já domino o inglês e tal, só vou aprender mais e não sei o quê... a gente entra na disciplina de Língua Inglesa I e eu lembro que eu tava falando na aula achando que eu tava super falando inglês, mas eu falava coisas tipo “milki”, “biki”, sabe aquela coisa que a gente tende a enfiar uma vogal em toda palavra que termina com consoante porque na língua portuguesa a gente faz isso e no inglês, quando você não conhece a língua inglesa, você faz também, sabe? “Hot dogue” e pronto, era desse jeito que eu achava que eu super falava inglês, mas até aí eu achava que, tipo, tudo bem, tá ótimo. Eu entendo tudo que a professora fala, eu entendo tudo que eu tô lendo, até que veio

a primeira prova. Quando veio a primeira prova, eu não estudei, mas dessa vez eu não estudei porque o trabalho me sugou, porque eu tava cansada, porque eu tava passando por algum problema pessoal, porque eu tava morando em um ambiente tóxico e precisava me mudar, porque minha família tava passando por um problema por conta de alguma doença, dessa vez, não foi nada disso. Foi porque eu achei que eu já sabia inglês demais e pra quê estudar? Eu vou me dar muito bem nessa prova. Aí, eu fiz a primeira prova de inglês, aí eu tirei 6 e aí eu fiquei em estado de choque. eu fiquei bege plissada, no chão, jogada, largada, eu fiquei: “Como isso aconteceu?” e aí eu peguei a prova, né? Aí eu fui ver que eu não sabia bulhufas de inglês. Aí eu baixei o meu ego do pedestal e resolvi estudar inglês, então é muito importante que a faculdade quebre o seu ego e ensine que você precisa aprender. Então, eu acho que é meio que o óbvio redundante falar que as disciplinas de língua são essenciais porque a gente aprende na faculdade que Língua nunca tem um fim, especialmente quando você é autodidata; se você nunca tem um fim quando você faz esses cursos fabulosos e caríssimos de 12, 20 módulos de Cultura Inglesa e você termina sendo a tampa das galáxias e mesmo assim você ainda tem muita coisa para aprender porque a língua é algo contínuo e mutável e se ressignifica e que muda e que está em constante movimento, quanto mais quando você é uma simples autodidata que começa a assistir filme com legenda em inglês e pensa que você sabe tudo da língua e pronto. Então, as disciplinas de Língua são extremamente importantes para essa consciência de que você precisa desenvolver a sua competência bilíngue e que é importante você se manter em contato com a língua e em constante aprendizado e permanecer com esse contato sempre que puder. Apesar de eu, honestamente, ter um certo problema com a definição de “qual é o ponto que você para tem que chegar pra ser dito que você tem um nível satisfatório da língua?”, sabe? Porque sempre me pareceu, no começo do curso e até hoje eu tenho essa sensação, que o imaginário coletivo sobre a fluência linguística é um nível altíssimo de domínio dessa língua que não é tão essencial assim pra você conseguir efetuar uma boa tradução. Claro que, quanto mais domínio melhor, claro, óbvio! Mas, eu acho que existe um ponto que é um pouco abaixo desse super domínio de excelência de fluência que você já consegue realizar boas traduções. Eu sei que o curso antes fazia teste de língua pra testar o seu nível antes de você entrar no curso porque você só entrava no curso se você tivesse um certo nível, só que aí veja, eu parei para avaliar que eu e alguns outros alunos e alunas que eu conheci no curso não teriam entrado no curso se esse método continuasse. A gente com certeza não teria entrado porque a gente não teria passado nessa prova. No entanto, nós somos pessoas que, ao contrário de algumas outras pessoas que já tinham grande nível na língua, nos interessamos extremamente pelo curso e isso nos motivou a buscar o conhecimento na língua dentro e fora da universidade. Especialmente quando a gente entende

que a gente tem que ter esse contato e que a língua é um constante aprendizado. Então, começar o curso e se identificar com que a gente ia vendo aos poucos, compreender o que envolvia tradução, esses passos iniciais foram extremamente importantes e, claro, entender a questão do seu nível atual de língua e o quanto você precisa melhorar isso para conseguir acompanhar o que você pretende fazer. tudo isso foi essencial para melhorar essa competência bilíngue. E, talvez, hoje eu não estivesse aqui gravando esse áudio e algumas outras alunas que até tinham nível menor que o meu, de não entender nada, e que hoje são excelentes tradutoras e excelentes bilíngues. Talvez hoje saibam até mais a língua do que eu porque também tiveram a oportunidade de desenvolver mais, como aulas particulares e coisas de tipo, fora da faculdade, claro. Então, tutorias, monitorias, todas essas atividades que buscam contribuir que o estudante ou a estudante desenvolva cada vez mais a competência linguística foi essencial com toda certeza.

### Áudio III

Ok. Esse é o terceiro áudio que eu gravo para o meu TCC como um elemento importante para compor a narrativa da minha formação tradutória, então nesse terceiro áudio eu fui orientada a responder algumas perguntas para expandir melhor alguns pontos falados nos áudios anteriores e dessa vez eu fui orientada a ler a pergunta que me foi feita e responder. Então, a primeira pergunta: “você menciona uma disciplina em que teve mais dificuldades devido ao método do/da docente, pelo seu áudio dá para notar o seu incômodo em relatar essa experiência - você inclusive fala em o/a docente mais de uma vez. Você não precisa dar detalhes sobre a disciplina ou sobre o/a docente, se não se sentir à vontade para isso, mas eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre incômodo causado por verbalizar sobre essa experiência negativa”. O meu incômodo em verbalizar essa experiência negativa, primeiro é porque eu acredito que antiético, ou melhor, a sensação que eu tenho é que é antiético porque é como se eu tivesse falando mal de um docente e o fato de eu ficar falando um ou uma docência é justamente para evitar a possibilidade de determinar quem seja porque eu tenho uma sensação que eu tô fazendo algo errado, que estou sendo antiética porque eu tô falando mal de uma pessoa que me ensinou, etc... Então eu tenho dificuldade de verbalizar sobre essa experiência, especialmente dentro do campo acadêmico, com outras pessoas que fazem parte da academia que fizeram parte da minha trajetória da minha formação por conta disso, o que no fundo pode realmente não ser um problema. Você ter uma crítica em relação a uma disciplina que aconteceu e a maneira como ela aconteceu não é exatamente algo antiético, é apenas uma crítica, né? Então, explicando melhor a experiência, a disciplina é uma disciplina de leitura e produção de

texto em língua estrangeira, como eu falei no áudio anterior, eu tinha uma expectativa muito grande porque como eu disse eu comecei a faculdade achando que eu sabia muito de inglês, no primeiro teste eu descobri que eu não sabia nada, e eu percebi que eu ia ter que correr atrás então eu comecei a me dedicar bastante ao estudo da língua, e uma das minhas maiores dificuldades que eu já sabia até mesmo antes de entrar na faculdade, porque justamente eu fui uma pessoa que aprendeu inglês de forma autodidata, tirando as aulas do colégio, que foram as primeiras aulas que me despertaram para língua estrangeira e na qual eu descobri que eu tinha muita facilidade e um gosto muito grande por aprender uma outra língua e conhecer uma outra cultura, eu nunca fiz um curso de inglês, eu nunca peguei ninguém de forma particular para me dar aula antes da faculdade, então essa disciplina era meu foco para melhorar a minha gramática e minha escrita porque eu não tinha essa base de gramática muito bem fundamentada - eu nunca estudei através de gramática para compreender a língua, então eu sentia muita dificuldade e sentia que os meus piores erros com a língua se davam por eu não compreender bem como a gramática funcionava, enfim, resumindo porque eu já estou me expandindo demais, eu tinha uma expectativa enorme com essa disciplina e eu fiquei completamente frustrada porque a professora ela deu a disciplina inteira através de um livro e todas as aulas ela lia um capítulo desse livro – ela realmente lia o que tava no livro, pedia para gente ler o que estava no livro e pedia as atividades que estavam no livro – então, foi bem frustrante, tanto que a disciplina não era uma disciplina difícil pra você se dar bem porque basicamente a nota foi baseada nas atividades que você entregou com uma atividade final que era fazer uma redação - uma essay - E aí eu fiquei bem frustrada porque como eu não tava motivada com a disciplina, eu acabei não conseguindo, aliada a fatores externos como cansaço e tal. entregar todas as atividades e a minha grande frustração foi que na nessa atividade final eu tive problema com prazo - que claro isso também é uma questão de responsabilidade minha - e aí quando eu finalmente entreguei uma redação eu acabei tendo uma nota super baixa porque a minha avaliação feita que eu não tinha entregado uma redação. Eu não concordei com essa avaliação, mas ainda assim eu também sabia que eu não tava numa posição de questionar muito porque a partir do momento que eu tive problemas com prazo também tinha toda uma responsabilidade no meu mal desempenho na disciplina. Então, eu aceitei ir para a final, fiz a prova final e fiz o que foi julgado ser uma essay e passei. Me arrastando, mas passei. Então, é uma disciplina que eu esperava muito e que eu senti que eu aproveitei muito pouco. A minha expectativa era que a gente fosse ter uma espécie de oficina de escrita criativa, entende? Pode ser que eu tivesse sonhando demais, mas eu acho que a disciplina seria tão mais interessante se tivesse sido dessa forma - pode ser também o meu gosto por literatura falando mais alto - mas nem que não fosse só literatura, mas

que as atividades de escrita pudessem ser mais interessante do que apenas seguir estritamente um livro, de forma a tornar o ato de escrever em uma língua estrangeira mais interessante, porque veja, escrever já não é uma tarefa fácil, aí você escrever em uma língua estrangeira é pior ainda. Então, fazer isso de maneira desestimulante é muito difícil. Eu me recordo que muita gente não gostou da disciplina exatamente pelo mesmo motivo, por a disciplina não ser estimulante e sentia-se que era uma perda de tempo. Mas claro que, em compensação, muita gente também lidou melhor com isso e correspondeu aos prazos e tal, mas foi isso, a minha experiência negativa mais marcante foi essa porque, se eu não me engano, foi a única disciplina que eu fui para a final por conta do que eu falei por quê avaliação com a qual eu não concordei, mas enfim. Acho que sobre isso eu já falei demais. Pergunta número 2: “Em mais de um momento você menciona questões polêmicas sobre disciplinas e nesses momentos eu entendi o que você está se referindo nas disciplinas, as atividades que eram muito bem aceitas para algumas pessoas e não tão bem aceitas por outras. Gostaria que você falasse um pouco mais sobre essa interação entre discentes, como era conversar com seus colegas e suas colegas sobre as suas atividades, como eram os argumentos, se alguma vez você mudou de sua opinião a partir da exposição de outra pessoa ou vice-versa, etc.” Olha, o que que eu posso dizer sobre isso, eu não consigo me recordar se eu já cheguei a mudar de opinião em relação a algum tipo de atividade, algum tipo de disciplina, mas o que eu posso dizer que é que se a maioria dos alunos não estão estimulados com determinada disciplina ou com determinada atividade é como se a gente sustentasse o nosso desânimo no desânimo do outro e aí a gente tipo: “é isso mesmo, não tá funcionando, tá uma droga, não vamos fazer e tal” e não melhora, entende? Tipo assim, se uma ou duas pessoas aparecem com um posicionamento diferente, mostrando o outro lado, que vale a pena de fazer, aí pode ser que melhore porque, eu não lembro exatamente da experiência comigo, deve ser acontecido, mas eu lembro de acontecer com outras pessoas de, por exemplo, artigo era uma questão muito polêmica porque pouquíssimas pessoas gostavam quando a atividade era fazer um artigo, a maioria das pessoas achavam que era um saco, era muito difícil ou até gostava mas não tinha tempo e eu já vi, por exemplo, um aluno tendo muita dificuldade e, em uma roda de conversa entre amigos, a gente tentou dar umas dicas, tipo, “olha mas não torna isso tão difícil, tenta fazer de uma forma mais simples, começa a escrever qualquer coisa porque ele seja lá o que sair já que o lema do nosso curso é melhor mal feito do que não feito, então é melhor você entregar qualquer coisa e você ter algo para receber um feedback do que você não fazer e se prejudicar e tal” e aí eu já vi pessoas se sentindo um pouquinho mais estimuladas. Eu já vi uma pessoa chegar e falar “vou abrir mão e não vou fazer” e através dessas conversas a pessoa mudava de opinião e entregava qualquer coisa para não perder a disciplina.

Então, isso existe. A gente sempre sai do curso conversando um pouquinho sobre as atividades e as disciplinas e acontecia se sentir um pouco mais estimulado ou ter certeza que não tava funcionando pra ninguém e aí falar não vou entregar e pronto, sabe? No meu caso, eu lembro que sempre gostei muito das atividades de literatura e a maioria da turma não gostava. ainda mais quando era de teoria literária. E eu era uma entusiasta e sempre defendia as disciplinas. Não sei se ajudou muito, mas, em resumo, faz diferença a gente partilhar experiências e eu acho que direta ou indiretamente influenciam em alguma coisa, mas não sei se também causa grandes mudanças, entende? Porque não vi ninguém mais se tornando tão entusiasta da teoria da literatura, apesar das minhas defesas sobre a importância disso. Pergunta 3: Estágio x Extensão: Há autores e autoras do campo disciplinar que discutem sobre a importância de expor alunos/as a demandas reais de tradução como forma de promover o desenvolvimento da competência tradutória e isso é uma questão que aparece no seu áudio quando você está falando sobre seu trabalho no Extrad. Mas mesmo essas pessoas reconhecem a dificuldade em construir essas demandas reais ou experiências que se aproximem de demandas reais. Como você vê esse tipo de colocação e se você imagina que haja algum caminho para facilitar isso?” Eu acho esse tipo de colocação tá muito acertada e eu acho que é isso mesmo. É muito importante expor futuros tradutores e tradutoras à situações e demandas reais de tradução porque, como disse nos outros áudios, enquanto você tá lidando como um objeto acadêmico como objeto de estudo, por mais responsabilidade e competência que você tenha e por mais que você leve aquilo a sério, existe uma certa zona de conforto de você saber que a partir do momento que você se der mal ou tiver alguma disciplina que você não for tão bem, alguma tradução que você faz meio na preguiça porque você não teve tempo para se dedicar aquela atividade, você sabe que aquilo não é o fim do mundo, né? Você sabe o que não é o fim do mundo, que você vai se dar mal, vai ter um ter, de repente, uma nota baixa, mas o seu curso não vai acabar ali, sabe? Sua vida não vai acabar ali, sabe? Falando de situações reais, você não vai perder o emprego, você não vai perder dinheiro, sabe? Você não vai perder “reputação profissional” porque você tá lidando ali com um ou uma docente que, de repente, até reconhece porque você não conseguiu se desempenhar tão bem, que compreende e sabe que isso não significa que você não tem competência, enquanto que numa situação real, você deixou de entregar uma atividade no prazo, pode ser que aquela pessoa nunca mais te contrate, sabe? Eu tenho uma colega na área de tradução, ela já se formou, mas ela trabalha com tradução profissionalmente desde a formação dela e ela dizia que existe um abismo ainda muito grande entre o que a gente vê como tradução na academia e o que a gente vê como tradução no mercado de trabalho, na realidade mesmo, na vera. Até a questão de liberdade, sabe? Porque na academia a gente tem muita liberdade de como lidar com o texto

a gente aprende até que que isso é importante que isso é saudável e tal, e eu não acho que tem que deixar de ensinar essas coisas não. Muito pelo contrário. Mas eu acho que era importante também você ter momento, um capítulo de uma disciplina aí, alguma coisa que avisasse assim “ó, mas no mundo real não é muito bem assim, talvez existam algumas dificuldades, mas isso não significa que vocês tenham que desistir de trabalhar com o texto da maneira de vocês...” tipo assim, de repente, pensar, pesquisar, sei lá, teorizar, fazer o que precisa pra que isso vire aula, ensinar que tipos de caminhos a gente pode ter para tentar diminuir essa distância, pra tentar levar o que a gente aprende que é tão bom e tão importante na academia para o mercado de trabalho. Mesmo que seja em pequenos passos. Por exemplo, uma das disciplinas que eu acho que foi bacana que a gente conseguiu discutir um pouquinho isso foi quando a gente trabalhou, acho que foi em alguma disciplina teórica, que a gente falou sobre ética na tradução. E aí, eu lembro que a professora expos algumas situações e levantou o debate do que a gente faria. Então, teve a tradutora super ambiental que ela foi contratada por uma empresa para traduzir pesquisas sobre o prejuízo que as empresas de cigarro causavam ao ambiente, alguma coisa assim, e aí ela achava que ela tinha achado o emprego da vida dela, né? Porque ela tava trabalhando pra uma empresa que era em prol do meio ambiente, traduzindo notícias denunciando essas empresas que fazem mal para o meio ambiente e tal. Ela trabalhou nisso por um tempo e depois ela descobriu que na realidade essa empresa era apenas uma fachada para esconder que o real cliente ou a real cliente era uma empresa de tabaco que fazia isso para poder saber o que que estavam publicando sobre ela, entende? Tipo assim, o que que essas pesquisas estão falando sobre a gente ou que tipo de informação pode prejudicar o nosso negócio, etc. Ou seja, ela descobriu que, na realidade, ela tava trabalhando pra empresa de tabaco que tava usando as traduções em benefício próprio e a pergunta era: “O que você faria? Largava o emprego ou não?” E aí isso é muito bacana, deu um debate muito legal porque a gente começou a pensar realmente em situações reais, a gente começou a pensar em coisas do tipo: “não, pera, essa situação não é legal e eu não gostaria de fazer, mas a gente tem que pensar que a gente precisa pagar conta, a gente precisa pagar aluguel e comer, etc.” Isso realmente é nos fazer pensar em uma demanda real. Eu realmente não sei como é que a gente faria para simular o formando ou a formanda em uma situação de tradução real, onde tivesse um cliente real, envolvendo dinheiro de verdade e prazos de verdade, eu não sei muito bem como a gente faria isso. Talvez uma empresa júnior, não é verdade? – talvez por isso vocês peçam tanto uma empresa júnior da nossa parte - porque aí a gente tá lidando com clientes reais, lidando com dinheiro, prazos, dificuldades e dilemas reais, então é uma possibilidade de uma demanda real dentro da academia é que extrema importância porque senão a gente chega aqui – e isso é uma

dificuldade de qualquer curso - a gente chega aqui fora - quando sai da faculdade - extremamente despreparadas e despreparados porque tem muitas variáveis que a gente acaba não vendo na academia. E aí eu acho que isso leva pergunta 4: “Da experiência de cobrança dos r\$ 30, da subcompetência de conhecimentos sobre tradução e a valorização do seu trabalho, uma questão que recentemente foi colocada por outras/os alunas/os é a necessidade de desenvolver mais essa subcompetência de conhecimento sobre tradução: como o mercado se comporta, como cobrar, como proceder, etc. Como você acha que isso pode ser ou poderia ter sido trabalhado no curso?” Eu acho que isso é importante, sim. É um fato. Porque quando eu peguei uma primeira oportunidade de tradução, dentro do curso, que aí eu já tava fazendo o curso e já tinha a noção de que os r\$ 30 que eu cobrei da pessoa antes do curso era um absurdo, que eu dei a tradução para ela de graça, ainda assim, eu tive muita dificuldade de saber o quanto eu vou cobrar porque o que a gente consegue ter de noção – e isso a gente fica sabendo porque a gente pergunta e não exatamente porque nos é passado. Pelo menos, essa foi minha impressão. – é através da tabela do SINTRA. Pelo menos, na minha turma foi assim, alguém perguntou como é que a gente sabe quando o quanto vai cobrar e foi quando foi falado nessa tabela do SINTRA, que servia como referência. Mas, eu lembro que a professora deixou claro também que isso é uma questão muito particular, que cada um tem que ver outras variáveis e o tempo que você vai levar e tal. Então, a gente enfia na cabeça que a tabela do SINTRA é uma referência – que realmente é, claro - só que quando a gente faz o cálculo de um trabalho seguindo essa tabela, a gente tem várias dificuldades. Primeiro, a gente pensa que a gente não pode cobrar tanto, porque dá um valor que a gente pensa que, como estudante, é muito caro e que ninguém vai pagar. a impressão que a gente tem é essa. Segundo, e isso acontece mesmo, tem gente que pensa que é muito caro e que esperava que você, como estudante de tradução fosse cobrar sei lá r\$ 50, então, assim a gente fica muito em dúvida do quanto cobrar até você amadurecer isso entender e que você vai se esforçar para desempenhar um bom trabalho, independente se você é estudante, se você não é estudante, mas, até que ponto o valor é razoável e corresponde ao meu trabalho? A gente não sabe. A gente não sabe se eu como estudante posso cobrar o que o cara que tá trabalhando há 20 anos cobraria, né? Então, eu acho que poderia ter uma disciplina tentando passar um pouco mais disso, sabe? Sei lá, o nome da disciplina poderia ser tradução e mercado de trabalho ou tradução na vida real ou tradução, anyway. A gente tem que tomar cuidado também porque nós, como estudantes, a gente gosta muito de ter uma cartilha, sabe? A gente tem muita dificuldade e eu acho que isso é uma subcompetência realmente importante que eu confesso que eu sinto que ela começa a ser trabalhada quando a gente participa de extensão - por isso que esses tipos de experiências são muito importante – é a nossa autonomia,

capacidade de tomar decisão, capacidade de se responsabilizar pelas suas decisões, capacidade de ter confiança no que tá fazendo, então esse tipo de coisa é extremamente importante na sua vida profissional e é o tipo de coisa que é muito importante que já seja trabalhada desde a nossa formação porque justamente, você faz quatro anos de graduação, defende um TCC, pega seu diploma e aí você recebe uma primeira demanda de trabalho, e aí? Você vai cobrar quanto? Que tipo de prazo você vai estipular? Eu acho que a gente pensa na nossa cabeça, pelo menos no começo para mim foi assim, que o cliente vai vir com tudo. O cliente vai dizer pra quando ele precisa, quanto ele pode pagar, o jeito que ele quer, o jeito que você pode escrever. Tem clientes assim, mas tem clientes que não. Eu já peguei proposta de tradução que a pessoa não sabia dizer pra quando ela queria. Ela perguntou ‘quando é que você pode entregar?’ E aí como é que eu vou determinar? Eu não sei pra quando você precisa o texto, entende? Então, parece besteira, mas algum tipo de disciplina que trabalhe com essas questões, simule situações da vida real, sabe, sei lá, chama alguém lá na frente, alguém é a tradutora e outra é a cliente e faz uma proposta, pega a pessoa de surpresa pra ver o que ela vai responder, trabalha com essas respostas, discute com a turma e tal. E aí, claro, isso demandaria pesquisa para avaliar como tá o mercado de trabalho de tradução atualmente, explicar que a gente não tem exatamente um sindicato formado, as demandas, as lutas, as necessidades da área, enfim. A gente vê esse tipo de coisa na academia de forma pincelada e a experiência da extensão traz um volume de pinceladas maior, sabe? E eu tive muita sorte por isso porque, como eu disse, eu amadureci muito através da extensão. Se não fosse extensão, tipo, eu ainda seria uma estudante muito imatura em relação a minha própria formação, entende? Porque sabe que a gente vai chegar aqui fora não vai fazer atividade valendo nota de zero a dez. Quem quer trabalhar com isso profissionalmente precisa ter meios de tornar isso real. Inclusive, eu já ouvi da boca de uma professora que é uma ilusão você querer sair da academia e trabalhar realmente com tradução. Eu fiquei meio chocada porque não é exatamente o tipo de frase que incentiva a gente a continuar o curso. Nem acho que foi por maldade, mas poxa, sim, a área é muito difícil, mas tá tudo difícil hoje em dia, então como é que a gente pode fazer para tornar isso real para as pessoas que realmente querem trabalhar com tradução. Que não tão querendo esse diploma para fazer concurso, não tão querendo esse diploma para continuar na carreira acadêmica, não tão querendo esse diploma para agregar um outro diploma e ter mais título, mas sim querem esse diploma porque elas querem ser tradutoras. Como é que a gente pode ajudar pra tornar esse caminho possível. como é que gente pode abrir possibilidades, abrir leques, abrir visões. Eu acho que isso precisava ser mais trabalhado sim. É um fato. Pergunta 5: “Estímulos a partir de reforços positivos x reforços negativos: você menciona o seu estímulo em receber elogios de

uma tradução e a sua reação ao receber uma nota baixa em uma avaliação. Como você percebe o papel desses dois tipos de reforços para sua motivação pessoal? Você diria que um dos dois é mais eficiente no seu caso específico?” Tá, no meu caso específico, vou ser sincera, o elogio estimula mais. Mas, eu tenho que admitir que existe a necessidade de um amadurecimento pessoal da minha parte para também receber as críticas como uma alavanca motivadora. Porque eu acho que críticas e notas baixas são um sinal de que algo precisa melhorar e que elas não foram feitas para te deixar pra baixo. Elas foram feitas para você identificar o que você precisa melhorar. Só que a gente ter esse tipo de consciência é muito difícil. Especialmente quando, sei lá, você de repente não tá em um estado mental muito bom, já não se sente muito capaz de alguma coisa, muito suficiente para algo e aí vem uma nota baixa e você pensa assim: “ah, realmente, eu não presto para isso, não sei o que eu tô fazendo aqui.” Então, assim, a gente, no geral, precisa saber lidar melhor com críticas, com uma certa dureza, com notas baixas, entender que aquilo não lhe define e está lhe dando uma oportunidade de melhorar. E, no meu caso, funcionou muito quando eu tirei nota baixa na prova de inglês porque foi um choque de realidade. Eu não esperava que eu fosse mal, então eu realmente identifiquei que eu precisava melhorar porque eu entendi também o quanto aquilo seria importante para minha formação. Existem algumas outras coisas, de repente, que tenha sua relevância mas que eu não consegui enxergar como fundamental para minha formação dentro da academia, se eu tive uma nota baixa e aquilo não ia ser tão usado assim, eu meio que deixava para lá. Eu vou dar um exemplo. Ironicamente, quando a gente teve leitura e produção de texto 2, que atualmente é uma disciplina optativa se eu não me engano, mas eu ainda peguei essa disciplina obrigatória, a professora quis trabalhar o nosso português e a dinâmica e a metodologia parecia que ia muito bem, ela pedia para, a cada semana, a gente levar uma tradução que já foi feita durante o curso e não levar o texto fonte porque era para a gente analisar realmente o português daquela tradução. E aí ela deu algumas noções como paralelismo, algumas noções que não é tão comum de você ver quando você estuda português e que fazem muita diferença no texto. E eu tava me dando super bem nas aulas e, não sei porque, quando foi no período da prova, eu não me dei muito bem na prova. Não chegou a ser uma nota baixa, mas foi uma nota bem sim, sete e alguma coisa, sabe? E aí eu fiquei confusa. Eu não entendi as coisas que eu tinha errado, quando ela deu a aula explicando a prova, a explicação era muito confusa, às vezes, parecia até que ela tinha dois posicionamentos diferentes para mesma a mesma questão. E aí na segunda prova eu já fui um pouco, melhor mas ainda não fui como eu esperava e eu não levei isso para frente, tipo, isso podia ter sido uma alavanca para tentar estudar mais português, tentar entender melhor o que eu errei, mas como não ia ser uma coisa tão trabalhada no curso e eu já sabia que, no

geral, eu escrevia razoavelmente bem, então, eu deixei isso pra lá. Não foi uma experiência motivadora para eu correr atrás de algo, então, quando eu recebia elogios ou feedback positivo, é como se aquilo fosse um atestado de que eu sei fazer isso, sabe? Tipo, isso funciona para mim e aí eu fico querendo melhorar porque eu fico querendo ter sempre aquele feedback. Mas, a gente não pode ficar sempre querendo receber elogio, senão a gente nunca vai melhorar. Então, eu te deixo com esse dilema aí dizendo que os dois reforços são relevantes, mas que no meu caso específico eu lido muito melhor com reforço positivo, no entanto eu não acho que o reforço negativo é algo ruim. Eu acho que a gente não é ensinado ou ensinada -e aí eu não digo nem dentro da academia, mas é na vida mesmo - a lidar bem com isso. A gente aprende a recalcar e ignorar porque dói e machuca o ego fere tudo a gente ignora isso e tenta olhar para “as coisas boas da vida”, sabe? E isso é perigoso. A gente precisa aprender a lidar com o que acontece que não é tão agradável porque algo dali também pode ser tirado, enfim. Pergunta 6: “Debate sobre nível linguístico (de entrada no curso): Em cursos de letras, por exemplo, o debate sobre qual o nível linguístico exigir para a entrada de um aluno em um curso de nível superior que envolve idiomas estrangeiros é antigo e complexo (e sem respostas definitivas): há quem argumente quanto à importância de abrir oportunidade para quem quer aprender o idioma e há quem argumente quanto ao papel da universidade de formar profissionais capazes de atingir um nível linguístico X em um tempo relativamente curto. A sua posição parece tender mais pela primeira posição, mas eu gostaria que você falasse mais sobre isso (refletindo também pelo outro lado). Ressalto que não existem respostas certas ou definitivas nessa questão.” Exatamente eu sou mais do time número um. De abrir oportunidade para quem quer aprender um idioma. Vamos olhar pelos dois lados. Quanto ao primeiro posicionamento, eu presenciei colegas que entraram no curso com quase noção zero da língua estrangeira e vi a pessoa realmente se interessar pelo curso e se interessar em aprender o idioma e conseguir aprender o idioma dentro de um tempo recorde, a ponto de aprender o suficiente para acompanhar bem as aulas e desempenhar bem suas tarefas, inclusive conseguir evoluir mais do que eu e outras pessoas que estavam no curso, No entanto, eu entendo que, por exemplo, essa pessoa específica, não que fosse a única, mas essa pessoa específica teve fatores externos que contribuíram como pagar um professor para ensinar inglês, então assim, isso demanda que a pessoa tenha dinheiro e tempo para fazer, né? Não é todo mundo que tem condições. No entanto, a gente tem como dizer que uma pessoa vai ter condições de fazer isso ou não? Existem outras formas de correr atrás do idioma se você ver que você não tá no nível bacana para acompanhar turma? Eu acredito que existe. E eu acredito que não é papel da Universidade determinar o quanto você é capaz de estar ali ou não baseado em alguns critérios que não são conclusivos. Como eu disse, uma das pessoas que entrou com

uma das menores noção do idioma terminou com uma das maiores da turma. Se ela tivesse passado no início do curso por um teste de proficiência, ela não tinha entrado no curso. Então, e aí? A gente vai estabelecer critérios que nunca vão ser suficientes para ficar decidindo quem entra e quem sai? Eu acho que o próprio estudante ou a própria estudante tem capacidade para isso. Tem capacidade de entrar no curso e compreender nos primeiros semestres se aquilo serve pra ela ou não e sair do curso, caso não sirva. Claro que, culturalmente, a gente podia ser incentivado um pouco mais a isso porque tem muita gente arrasta o curso com a barriga porque está ali por obrigação, para agradar fulano, para ter um diploma porque só se é gente se você tiver um diploma na vida, não importa se vai ser pendurado na parede, que isso é uma coisa que eu sempre fui contra, por isso que eu larguei duas faculdades, então claro que culturalmente e socialmente essas questões tinham que ser melhor trabalhadas, mas eu acho que as pessoas têm capacidade de entenderem se gostam daquilo, se querem aquilo, se vale a pena 4 anos, a noite mal dormida, o choro, a raiva. Então, se alguém entrar no curso despreparado e o curso não for o que ela espera, ela sai. A gente vai ter que determinar? Porque eu sei que o tempo é curto demais. Tanto que uma das maiores dores da minha vida foi o currículo ter mudado de dois idiomas obrigatórios para um idioma obrigatório porque eu queria ter saído do curso com dois idiomas e se os dois idiomas fossem obrigatórios, eu teria que ter me virado ao quadrado, mas eu teria feito. Como deixou de ser obrigatório, eu só fiz um porque foi mais cômodo visto que eu era uma pessoa muito sem tempo. No entanto, eu entendi perfeitamente a necessidade disso porque o curso não tinha como sustentar ou oferecer essa obrigatoriedade que era cobrada, visto que o segundo idioma era quase totalmente deixado por conta do estudante. E aí isso gera todo um conflito e alguns alunos e alunas estavam arrastando a sua formação porque não queria fazer um segundo idioma e o tempo é muito curto para você ter essa estrutura de trabalhar dois idiomas, então definiu-se que se ficaria só com um. Eu entendo que quatro anos é um tempo curto para se trabalhar um idioma. Mas, se você for analisar, qual é esse nível x que se quer chegar? Porque eu questiono muito isso também: o que é realmente fluência no idioma? Porque palavra fluência tem um peso tão grande e absurdo que eu acho que chega a ser um pouco exagerado. Quando se escuta que alguém é fluente no inglês, no francês, o senso comum espera que essas pessoas seja praticamente um falante nativo e nada menos do que isso. Menos que isso e então você não é fluente. “Como você não sabe dizer isso em inglês. Você não é fluente?” E não é isso, sabe? A gente tá sempre aprendendo. A língua ela se ressignifica, ela se transforma e em pouquíssimo tempo existem novas formas de se expressar, novas formas de se produzir um texto, novas formas de se falar e tal. Ou seja, que nível é esse que é considerado suficiente? Porque só a partir de um nível x que se chega em um nível Y? E o esforço do aluno do lado de

fora também não conta? Eu acho que é uma questão polêmica, eu entendo o outro lado, eu entendo que é um tempo curto para que a pessoa tenha um certo conhecimento e domínio da língua que é muito importante para o seu trabalho, especialmente nós como tradutores e tradutoras, eu entendo. Não descarto nem invalido o fundamento dessa outra teoria que os alunos e as alunas tinham que entrar com um certo nível para poder atingir o outro nível, senão não dá tempo. Mas, existem outras questões a serem vistas além disso pra entender que dá. Que é possível aceitar alguém do zero e contar com seu esforço pessoal e com sua motivação, assim como outros fatores, fora o próprio idioma em si, que estimulam a pessoa a querer aquilo e querer melhorar seu idioma e correr atrás disso. Eu tive um professor de francês que ele falou que quando ele começou o curso de letras francês ele saiu devorando tudo que tinha de francês na frente dele, todos os livros de francês, CDs de francês, filmes, música, a vida dele era tá em contato com a língua o tempo todo. Porque ele queria muito aquilo, ele queria demais aquilo e deu certo. Hoje ele é um grande professor de francês, então, por que não, entende? Eu acho que tem que se tomar cuidado com essa outra linha que fala que é um tempo curto acabar não sendo apenas uma justificativa para excluir, sabe? Porque a gente sabe que fazemos parte de uma sociedade que existem tantos fatores que influenciam na capacidade de uma pessoa no quanto ela teve acesso à uma boa educação e se ela não teve esse acesso não foi porque ela não quis e sim porque algo no contexto social ou no contexto familiar, algo influenciou nessa falta de acesso. E aí? A gente vai fechar a porta da universidade para essa pessoa e simplesmente jogar na cara dela que ela não tá no nível para entrar? Porque que não abrir a porta e dar oportunidade de ela melhorar aqui, sabe? Eu acho que isso tem que ser pensado. Pergunta 7: “Subcompetência estratégica: No modelo de competência tradutória do grupo PACTE, eles colocam a subcompetência estratégica como sendo a central (e talvez mais importante, por ser a responsável por identificar problemas de tradução, formular estratégias de solução e acessar as demais subcompetências para executar essas estratégias). Gostaria que você falasse mais sobre como você vê o desenvolvimento da sua subcompetência estratégica (mais especificamente).” Eu acho que ela realmente deve ser a central e se não for ela deve tá empatada com outra ali do lado porque planejamento é essencial. Tentar montar um plano tentar montar uma estratégia e uma estratégia é isso: você tentar montar um plano, um projeto, elaborar o que vai fazer, de onde você tá vindo, para onde você vai, que ferramentas você vai usar, que tipos de elementos você precisa pesquisar, etc. Isso é fundamental porque você tendo esse preparo - quando você planeja, você se prepara e quando você se prepara, você facilita o que você vai fazer, então essa questão de identificar problemas de tradução e formular estratégias de solução, por exemplo, tipo, se você já tem planejado e preparado fica mais fácil de lidar com problemas quando eles

aparecem. Se você não tem isso elaborado, você simplesmente não sabe o que fazer e aí você perde muito tempo pensando no que você vai fazer e você perde muito tempo decidindo como você vai trabalhar. Eu digo isso porque, falando sobre mim, minhas traduções eram assim. Eu não tinha um planejamento nem estratégia, era bem aquela concepção que eu falei do que era tradução para mim no começo e do que é tradução para mim agora. Eu achava que “eu tenho esse texto, eu tenho que ler esse texto, eu tenho que passar ele para outra língua e acabou.” Eu conseguia ter um pouco dessa noção de escolha tradutória e de que contexto influencia, conseguia ter mesmo sem a academia, eu nunca fui o tipo de pessoa literal, mas ainda era algo muito superficial e sem planejamento e sem pensar, por exemplo, em elementos como padronização do texto, terminologia, glossário, memória de tradução, tinha nem noção disso. E aí eu sinto quanto para mim traduzir era algo mais confuso do que agora. Eu sinto que trabalhar essa subcompetência estratégica, que veio tanto através das disciplinas teóricas, talvez até mais do que as práticas. Por que? Quando a gente trabalha as teóricas, a gente estuda como tradutores e tradutores trabalhavam e teorizavam a tradução e a gente começa a refletir se aquilo funciona ou não funciona e você já chega na prática querendo testar algo. Com alguma teoria você vai se identificar, alguma coisa você vai achar bacana e você vai querer testar. Tipo, eu me identifiquei com teorias como a de polissistemas que analisa também toda a conjuntura do texto, mas eu lembro que eu amei a teoria funcionalista porque eu acho que foi a primeira teoria que falou sobre você criar um projeto tradutório, sobre você colocar na ponta do lápis mesmo, de onde aquele texto vem, para quem você vai fazer, se vai ser publicado ou não, quem é o público alvo, quem é que vai ler porque aí você escolhe que tipo de linguagem você vai usar, vai ser publicado em qual veículo, sabe? Tudo isso influencia e são coisas que parecem óbvias depois que a gente estuda, mas antes a gente não pensa nisso. A gente pensa realmente em dividir a tela do Word, colocar o texto fonte de um lado e começar a escrever do outro. Até o conceito de unidades tradutórias que a gente aprende ajuda muito. Nossa isso para mim foi uma abertura do meu mundo porque até hoje eu tenho um pouco de dificuldade com isso, por exemplo, eu quero trabalhar o texto de onde ele começa até onde ele termina e quando eu chego em uma parte que eu travo, eu ainda tenho muita dificuldade de ignorar aquilo no momento, partir para outra unidade tradutórias, que nada mais é do que a outra parte do texto, e depois para aquele pedaço com a cabeça mais fresca. Eu não sabia fazer isso de jeito nenhum e ainda estou melhorando nisso. Eu começava a traduzir o texto e quando eu encontrava um problema, eu travava total e, enquanto eu não resolvesse, eu não fazia mais nada na tradução. Eu acho que isso é um problema estratégico porque você pode continuar trabalhando o texto independente de você ter aquele problema porque funciona na dinâmica do seu trabalho e você não perde

tempo. Você continua trabalhando o texto de forma, de repente, a dentro do texto mesmo encontrar uma solução para aquele problema e você se dá um tempo para, com a cabeça mais fresca e descansada, voltar para aquela questão e pensar em outros meios. Então, até isso a gente aprende e é uma coisa que sem ter esse conhecimento que a academia dá, a gente não pensa e isso gera textos entroncados. Então, a gente não observa essas pequenas questões como paralelismo, padronização, terminologia, antes de ter contato. Por exemplo, eu lembro que um dos TCCs, a tradutora estava traduzindo um texto da área de matemática e ela encontrou uma expressão em francês que era “calculadora de alguma coisa” e aí ela traduziu desse jeito “calculadora de alguma coisa”, só que aí esse texto foi passado por uma revisão técnica e aí a pessoa que fez revisão técnica, que era uma pessoa da área de matemática e que tinha conhecimento também da língua e tal, identificou que aquilo era uma terminologia e que na verdade a expressão correta melhor a ser usada seria “gráfico de fulano de tal”. Então assim, até isso é uma subcompetência estratégica, pensar se esse texto precisa passar por uma revisão se é um texto de uma área específica que eu não tenho tanto conhecimento? Eu tenho como ter acesso a uma revisão técnica? Quando você não tem esse conhecimento, você pensa que porque você sabe inglês e você passou o texto para português, você acha que tá lindo, tá ótimo, você pode ganhar um prêmio Jabuti por aquilo, e não é bem assim. Por fim, eu acho que eu tenho que ler isso aqui: “Por fim, um dos principais pontos da sua reflexão (para mim) é sobre o desenvolvimento da sua confiança a partir dos retornos (positivos) dados a partir de solicitações reais de tradução e como isso te ajuda a se autorreconhecer como tradutora. Você já desenvolveu bem essa reflexão, mas deixo aqui a indicação, para o caso de você querer falar mais sobre isso antes de seguirmos para as próximas etapas do trabalho.” Como eu disse nos primeiros áudios, tradução não é uma cartilha, né? Definitivamente não é uma ciência exata. Então, quando a gente começa a fazer as primeiras atividades, existe muita insegurança do que a gente tá fazendo, existem alguns professores e professoras que quando dão um feedback, não apenas fazem isso dando uma nota e poucos comentários, mas colocam bastante comentários, pontuando várias partes do texto, e isso ajudam não só você a ver que você tem capacidade para fazer aquilo, que não é um bicho de sete cabeças, que você tá entendendo, que você tá indo para um caminho bom e que aqueles outros comentários ajudam você a identificar o que podia ser melhorado ou não, como existem alguns professores e professoras que se resumem muito no feedback, geralmente não uma nota, falam que foi bom, destacam uma ou duas partes e aí você fica: “Tá, mas e o resto?” Não que tenha faltado feedback. Eu acho que isso no nosso curso é trabalhado de uma forma muito positiva, sabe? Não tô criticando não. Mas, é só para entender que, às vezes, só você ter uma boa nota ali não te ajuda a saber exatamente se era isso mesmo

ou se tinha alguma coisa podia ter sido melhor, se eu tivesse trabalhando com um cliente real, aquele texto seria satisfatório? Porque a gente sabe que a gente tá na academia e que os docentes te enxergam como alguém está aprendendo e, por isso, eles vão relevar muitas coisas também. E claro que a gente tá no lugar onde a gente pode e deve errar mesmo, só que a gente não consegue saber quando a gente atravessa a linha de “eu estou aprendendo” para “agora eu sei o que eu tô fazendo” entende? Eu acho que é isso. Então, quando a gente começa a ter esses reforços positivos, especialmente com atividades que são um desafio maior, você começa avançar para ultrapassar essa linha. Por exemplo, até hoje eu não encararia um trabalho de interpretação. Porque a interpretação exige muito domínio da fala e como eu disse eu tenho muita insegurança em relação a minha pronúncia por mais que eu tenha tentado melhorar, mas eu ainda sou muito insegura. É uma área que, lamentavelmente, por uma questão de estrutura, eu compreendo muito bem, não é muito trabalhada no curso, a não ser com leves pinceladas teóricas e é uma área muito difícil. Eu lembro que durante o curso surgiram várias propostas de fazer isso até de forma voluntária e eu não tive coragem de aceitar por não me sentir capaz e até hoje eu continuaria recusando. E o que está faltando para eu me sentir capaz? Eu ter uma experiência e alguém que virar para mim e falar: “Olha, você até que foi bem.” Mas eu precisava, primeiro, de passar por isso na academia porque você errar na frente do seu professor ou da professora é ótimo porque você sabe é uma pessoa que está ali para te ensinar. Então assim para eu aceitar trabalho de interpretações, teria sido fundamental para mim ter essa experiência na academia e eu não tive. Então, até hoje, eu sou extremamente insegura com essa área e que é uma área que eu gosto muito e que eu tenho vontade de aprender. Futuramente, para eu trabalhar com isso, com certeza eu teria que passar por algum tipo de especialização porque eu preciso passar para essa experiência do teste, sabe? Do errar, do cair, para você começar a melhorar e aprender para aí eu vir a ter uma experiência fora. Porque a insegurança bate, sabe? A sensação que eu tenho é que, se eu aceitar um trabalho desses fora, por mais que seja voluntário, você tá pondo ali sua cara você, seu nome, sua formação e é só fico pensando, meu deus, eu vou chegar lá e vou travar e a pessoa acha que eu sou uma incompetente e eu decido não ir, óbvio. Resumindo, por falta de ter experiência acadêmica, de ter o exercício, de a ter atividade, o poder errar, eu não me sinto segura para trabalhar com isso, ao contrário de trabalhar com textos, que aí eu tive a experiência de exercício e do erro e do acerto. E aí hoje eu me reconheço com uma pessoa que – claro, aprender a gente tá sempre aprendendo, né? - Mas eu tenho muito mais segurança do que eu tô fazendo e para defender o meu trabalho. Esses reforços positivos foram fundamentais para isso. Negativos também, mas os positivos sempre me animam mais.